

ESCOLA DE GUERRA NAVAL

CC (FN) THIAGO BONARD FRANCO GURGEL

GUERRA DAS MALVINAS:

Um panorama sobre as armas de apoio nas Operações Anfíbias.

Rio de Janeiro

2025

CC (FN) THIAGO BONARD FRANCO GURGEL

GUERRA DAS MALVINAS:

Um panorama sobre as armas de apoio nas Operações Anfíbias.

Dissertação apresentada à Escola de Guerra Naval, como requisito parcial para a conclusão do Curso de Estado-Maior para Oficiais Superiores.

Orientadores: CF (RM1) NAGASHIMA
CC (FN) RAFAEL FERREIRA

Rio de Janeiro
Escola de Guerra Naval
2025

DECLARAÇÃO DA NÃO EXISTÊNCIA DE APROPRIAÇÃO INTELECTUAL IRREGULAR

Declaro que este trabalho acadêmico: a) corresponde ao resultado de investigação por mim desenvolvida, enquanto discente da Escola de Guerra Naval (EGN); b) é um trabalho original, ou seja, que não foi por mim anteriormente utilizado para fins acadêmicos ou quaisquer outros; c) é inédito, isto é, não foi ainda objeto de publicação; e d) é de minha integral e exclusiva autoria.

Declaro também que tenho ciência de que a utilização de ideias ou palavras de autoria de outrem, sem a devida identificação da fonte, e o uso de recursos de inteligência artificial no processo de escrita constituem grave falta ética, moral, legal e disciplinar. Ademais, assumo o compromisso de que este trabalho possa, a qualquer tempo, ser analisado para verificação de sua originalidade e ineditismo, por meio de ferramentas de detecção de similaridades ou por profissionais qualificados.

Os direitos morais e patrimoniais deste trabalho acadêmico, nos termos da Lei 9.610/1998, pertencem ao seu Autor, sendo vedado o uso comercial sem prévia autorização. É permitida a transcrição parcial de textos do trabalho, ou mencioná-los, para comentários e citações, desde que seja feita a referência bibliográfica completa.

Os conceitos e ideias expressas neste trabalho acadêmico são de responsabilidade do Autor e não retratam qualquer orientação institucional da EGN ou da Marinha do Brasil.

AGRADECIMENTO

Agradeço em primeiro lugar a Deus, por ter sustentado minha mente, meu corpo e minha fé ao longo de toda esta jornada. Pela providência diária, pelo discernimento nos momentos de dúvida e pela força nos momentos de cansaço.

Aos meus queridos pais, Dilson Lucena Gurgel (in memorian) e Kátia Bonard Franco Gurgel (in memorian), exemplos de dedicação, entrega e amor incondicional. Por terem me educado com valores sólidos, pelo incentivo constante aos estudos e pelo sustento de nosso lar.

À minha amada esposa Laurivane Marques de Moura Gurgel, companheira fiel e incansável, cuja paciência, compreensão e apoio foram fundamentais para a conclusão deste trabalho. Sua presença, mesmo silenciosa em muitos momentos, foi essencial para que eu me mantivesse firme até o fim.

Aos meus orientadores, Capitão de Fragata (RM1) Ohara Barbosa Nagashima e Capitão de Corveta (FN) Rafael Alves Rodrigues Ferreira, pelas orientações técnicas precisas, pela cordialidade no trato, que tanto contribuíram para a construção deste trabalho. Expresso aqui minha sincera gratidão pela generosidade no tempo dedicado, pela paciência nas orientações e pelos ensinamentos transmitidos.

A todos os senhores e senhoras, minha mais profunda gratidão.

RESUMO

A presente dissertação analisa comparativamente o emprego das armas de apoio durante as operações anfíbias (OpAnf) realizadas por Argentina e Reino Unido na Guerra das Malvinas (1982), com foco no Apoio de Fogo Naval (ApFN), Apoio de Fogo de Artilharia de Campanha (ArtCmp) e Apoio Aéreo (ApAe). A pesquisa fundamenta-se na doutrina do Corpo de Fuzileiros Navais do Brasil (CFN), especialmente nos manuais CGCFN-50, CGCFN-50.1, CGCFN-50.2 e CGCFN-34.1, os quais definem os princípios, métodos e procedimentos para o planejamento e coordenação do apoio de fogo em OpAnf. O Capítulo 2 apresenta esse referencial doutrinário em profundidade, enquanto os Capítulos 3 e 4 descrevem, com base em documentos históricos e fontes especializadas, as ações concretas executadas por ambos os contendores nas operações de desembarque em Port Stanley, Grytviken, Pebble Island e San Carlos. O Capítulo 5 realiza a análise comparativa, à luz da doutrina do CFN. Constatou-se que o Reino Unido empregou de forma eficaz os vetores de apoio, integrando-os com elevada interoperabilidade e coordenação entre escalões, o que garantiu superioridade operacional. Em contrapartida, a Argentina apresentou limitações logísticas e de comando que comprometeram a eficácia de suas ações ofensivas e defensivas. Conclui-se que o adequado emprego das armas de apoio, com ênfase na coordenação, tempo oportuno e integração entre os meios, é fator decisivo para o êxito em operações anfíbias.

Palavras-chave: Reino Unido. Argentina. Apoio de Fogo Naval. Apoio Aéreo. Artilharia de Campanha. Operações Anfíbias. Guerra das Malvinas. Doutrina do CFN.

ABSTRACT

FALKLANDS WAR:

An overview of Support Weapons in Amphibious Operations.

This dissertation provides a comparative analysis of the employment of fire support assets during the amphibious operations (OpAnf) conducted by Argentina and the United Kingdom in the Falklands War (1982), with a focus on Naval Gunfire Support (ApFN), Field Artillery Support (ArtCmp), and Air Support (ApAe). The research is grounded in the doctrine of the Brazilian Marine Corps (CFN), particularly in the manuals CGCFN-50, CGCFN-50.1, CGCFN-50.2, and CGCFN-34.1, which define the principles, methods, and procedures for the planning and coordination of fire support in OpAnf. Chapter 2 presents this doctrinal framework in depth, while Chapters 3 and 4 describe, based on historical documents and specialized sources, the concrete actions executed by both belligerents during the landing operations at Port Stanley, Grytviken, Pebble Island, and San Carlos. Chapter 5 provides the comparative analysis in light of the CFN doctrine. It was found that the United Kingdom effectively employed its support assets, integrating them with a high degree of interoperability and coordination across command echelons, which ensured operational superiority. In contrast, Argentina displayed logistical and command limitations that undermined the effectiveness of its offensive and defensive actions. The study concludes that the proper employment of fire support assets, with emphasis on coordination, timely action, and integration among resources, is a decisive factor for success amphibious operations.

Keywords: United Kingdom. Argentina. Naval Gunfire Support. Air Support. Field Artillery. Amphibious Operations. Falklands War. Brazilian Marine Corps Doctrine.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ADbq	–	Área de Desembarque
AOA	–	Área do Objetivo Anfíbio
Anv	–	Aeronave
ApAe	–	Apoio Aéreo
ApAeOf	–	Apoio Aéreo Ofensivo
ApF	–	Apoio de Fogo
ApFN	–	Apoio de Fogo Naval
ARA	–	Armada de la República Argentina
ArtCmp	–	Artilharia de Campanha
AssAnf	–	Assalto Anfíbio
BACM	–	Batallón de Artillería de Campaña de Marina
BIM	–	Batallón de Infantería de Marina
BTF	–	British Task Force
Cap.	–	Captain / Capitão / Capitán
CFN	–	Corpo de Fuzileiros Navais
Cia	–	Companhia
CP	–	Cabeça de Praia
ComForDbq	–	Comandante da Força de Desembarque
C ³ I	–	Comando e Controle, Comunicações e Informações
DAe	–	Defesa Aérea
EA	–	Exército da Argentina
EC	–	Equipe de Combate
Esqd	–	Esquadrão
FAA	–	Força Aérea Argentina
FAL	–	Fuzil Automático Leve
FAS	–	Força Aérea Sul
ForDbq	–	Força de Desembarque
ForTarAnf	–	Força-Tarefa Anfíbia
FT	–	Força-Tarefa
GAC	–	Grupo de Artilharia de Campanha
GC	–	Grupo de Combate
GPMG	–	General Purpose Machine Gun
GT	–	Grupo-Tarefa
HMS	–	His/Her Majesty's Ship
IM	–	Infante de Marina
IncAnf	–	Incursão Anfíbia
MAG	–	Metralhadora de Apoio Geral
MB	–	Marinha do Brasil
MNT	–	Movimento Navio para Terra
Mk.	–	Mark (Marca)
NAe	–	Navio-Aeródromo
NDD	–	Navio de Desembarque Doca
OA	–	Observador Avançado
OpAnf	–	Operações Anfíbias

PAC	–	Patrulha Aérea de Combate
PARA	–	Batalhão do Regimento Paraquedista
PDbq	–	Praia de Desembarque
RAF	–	Royal Air Force
RFA	–	Royal Fleet Auxiliary
RM	–	Royal Marine
RN	–	Royal Navy
RI	–	Regimento de Infantaria
SAM	–	Surface-to-Air Missile (Míssil Superfície-Ar)
SAS	–	Special Air Service
SBS	–	Special Boat Service
SS	–	Steam Ship
TF	–	Task Force
TO	–	Teatro de Operações

LISTA DE SÍMBOLOS

h	Hora
m	Metro
mm	Milímetro
MN	Milha Náutica
km	Quilômetro
km ²	Quilômetros quadrados
lb	Libra
pol	Polegada

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	DOCTRINA DO CFN SOBRE ARMAS DE APOIO NAS OPERAÇÕES ANFÍBIAS	13
2.1	COORDENAÇÃO DE APOIO DE FOGO NO CFN	13
2.1.1	Princípios da Coordenação de Apoio de Fogo	13
2.1.2	Características das Armas de Apoio	13
2.2	APOIO DE FOGO NAVAL	14
2.2.1	Capacidades e Limitações do Apoio de Fogo Naval	15
2.2.2	Fases do Emprego do Apoio de Fogo Naval	15
2.3	APOIO DE FOGO DE ARTILHARIA DE CAMPANHA	16
2.4	APOIO AÉREO	17
2.4.1	Apoio Aéreo Ofensivo	17
2.4.2	Apoio Logístico por Aeronaves	18
2.4.3	Possibilidades e Limitações do Apoio Aéreo	18
2.5	CONSIDERAÇÕES PARCIAIS	19
3	APOIO DE FOGO E AÉREO ARGENTINO NAS OPERAÇÕES ANFÍBIAS	20
3.1	DESEMBARQUE EM PORT STANLEY - ILHAS MALVINAS	20
3.2	DESEMBARQUE EM GRYTVIKEN - ILHAS GEÓRGIAS DO SUL	22
3.3	APOIO DE FOGO NAVAL ARGENTINO	23
3.4	APOIO DE FOGO DE ARTILHARIA DE CAMPANHA ARGENTINO	25
3.5	APOIO AÉREO ARGENTINO	26
3.6	CONSIDERAÇÕES PARCIAIS	28
4	APOIO DE FOGO E AÉREO BRITÂNICO NAS OPERAÇÕES ANFÍBIAS	29
4.1	DESEMBARQUE EM GRYTVIKEN E LEITH – OPERAÇÃO PARAQUET	29
4.2	INCURSÃO ANFÍBIA EM PEBBLE ISLAND	31
4.3	ASSALTO ANFÍBIO EM SAN CARLOS	33
4.4	APOIO DE FOGO NAVAL BRITÂNICO	36
4.5	APOIO DE FOGO DE ARTILHARIA DE CAMPANHA BRITÂNICO	38

4.6	APOIO AÉREO BRITÂNICO	39
4.7	CONSIDERAÇÕES PARCIAIS	40
5	PANORAMA COMPARATIVO DAS ARMAS DE APOIO ARGENTINAS E BRITÂNICAS	42
5.1	ASPECTOS COMPARATIVOS SOBRE O APOIO DE FOGO NAVAL	42
5.2	ASPECTOS COMPARATIVOS SOBRE O APOIO DA ARTILHARIA DE CAMPANHA	43
5.3	ASPECTOS COMPARATIVOS SOBRE O APOIO AÉREO	45
6	CONCLUSÃO	48
	REFERÊNCIAS	50

1 INTRODUÇÃO

As Operações Anfíbias (OpAnf) representam uma das mais complexas formas de emprego militar. Elas exigem elevado grau de integração entre os meios navais, aéreos e de fuzileiros navais, além de coordenação minuciosa entre as funções de combate¹ presentes no teatro de operações (TO). Nesse sentido, o apoio de fogo (ApF) e o apoio aéreo (ApAe) assumem papel preponderante no sucesso da manobra de desembarque e consolidação da cabeça de praia (CP). Outra sincronização essencial para o êxito de uma OpAnf ocorre entre a Força-Tarefa Anfíbia (ForTarAnf) e a Força de Desembarque (ForDbq), tanto no planejamento, quanto na execução e prosseguimento das operações subsequentes.

A Guerra das Malvinas, entre abril e junho de 1982, constituiu um exemplo raro de uma complexa rede de campanhas anfíbias sequenciais. O conflito envolveu todas as fases típicas de uma OpAnf seguidas de ações subsequentes em terra, no Arquipélago das Malvinas. A deflagração efetiva teve início com forças argentinas realizando a inesperada Operação Rosário e forçando a rendição de um pequeno contingente britânico presente nas ilhas.

Essa iniciativa representou, na prática, uma medida diversionária promovida pela Junta Militar que governava a Argentina, sob o General Leopoldo Galtieri. A Junta buscou evocar o sentimento de união nacional argentino, em um momento político conturbado, afirmando sua reivindicação sobre as ilhas. A inesperada e contundente resposta do Reino Unido foi liderada pela Primeira-Ministra Margaret Thatcher, com a rápida mobilização da expressiva força-tarefa (FT) naval e o inabalável comprometimento político em recuperar as Ilhas Malvinas. O lançamento britânico da Operação Corporate simbolizou uma quebra de paradigmas políticos no Reino Unido da época, cada vez menos belicista. Em paralelo, o esforço diplomático internacional, incluindo de órgãos não governamentais, em torno da guerra também foi um marco.

Dentre os diversos elementos que marcaram o conflito, destacou-se o emprego das armas de apoio por ambos os contendores, tanto na fase ofensiva inicial argentina para retomada das Malvinas, quanto na contraofensiva conduzida pelo

¹ Função de Combate: todas as atividades militares realizadas em um espaço de batalha, que são agrupadas em áreas funcionais específicas, das quais se destacam a manobra e o apoio de fogo, que deverão ser combinadas e sincronizadas de modo a se obter o máximo de eficiência (Brasil, 2020c, pag. 1-1).

Reino Unido. Assim, o presente estudo delimitou sua análise ao período compreendido entre as ações pré-desembarque e a conquista da CP em cada OpAnf. A escolha por este recorte temporal no confronto justifica-se por ser a fase estritamente anfíbia do conflito, onde o emprego coordenado dos apoios de fogo é mais observável e propício ao apoio da projeção de poder combatente sobre terra.

Com isso, a dissertação teve como objetivo analisar comparativamente o emprego do apoio aéreo, de fogo naval e de artilharia de campanha (ArtCmp) nas operações anfíbias conduzidas pelas forças argentinas e britânicas. Enfocamos esses apoios na Guerra das Malvinas, à luz da doutrina do Corpo de Fuzileiros Navais (CFN) da Marinha do Brasil (MB) atual.

A questão de pesquisa que norteou o estudo foi formulada nos seguintes termos: “Que similaridades e/ou singularidades existiram no emprego do apoio aéreo, do apoio de fogo naval (ApFN) e do apoio de fogo de artilharia de campanha por parte das forças argentinas e britânicas, durante as operações anfíbias na Guerra das Malvinas, entre abril e maio de 1982, à luz da doutrina do CFN?” Essa questão será respondida por meio de uma abordagem analítico-comparativa.

Para cumprir o propósito pretendido, esta pesquisa foi organizada em seis capítulos. Iniciando com esta breve introdução, a dissertação está estruturada da seguinte forma: o Capítulo 2 apresenta o referencial teórico sobre o emprego das armas de apoio, com destaque para os apoios aéreo, naval e de artilharia, segundo a doutrina do CFN. O terceiro capítulo trata das ações argentinas nas operações de tomada de Port Stanley e Grytviken, com destaque para os citados apoios. O capítulo seguinte analisa as operações britânicas para a retomada das ilhas, focando nos mesmos apoios. A quinta seção realiza a análise comparativa entre as duas forças à luz da doutrina brasileira, apontando aderências e/ou desconexões e suas implicações. Concluindo a pesquisa, o último capítulo apresenta considerações finais sobre este estudo histórico-militar.

2 DOCTRINA DO CFN SOBRE ARMAS DE APOIO NAS OPERAÇÕES ANFÍBIAS

Este capítulo apresenta os fundamentos doutrinários do CFN sobre o emprego coordenado das armas de apoio em operações anfíbias, com ênfase no apoio de fogo naval, de artilharia de campanha e aéreo. A exposição servirá de base para a análise comparativa das ações argentinas e britânicas na Guerra das Malvinas.

A teoria militar do Manual de Apoio de Fogo de Fuzileiros Navais (CGCFN-50) nos permite compreender a importância de cada função de combate disponível na área de operação. Todas devem ser consideradas, integradas e sincronizadas para garantir a multiplicação do poder de combate da força².

Este capítulo abordará quatro aspectos do apoio de fogo: a coordenação do apoio de fogo, o apoio de fogo naval, o apoio de fogo de artilharia de campanha e o apoio aéreo.

2.1 COORDENAÇÃO DE APOIO DE FOGO NO CFN

Conforme versa o Manual de Coordenação de Apoio de Fogo de Fuzileiros Navais (CGCFN-50.1) da MB, a Coordenação do Apoio de Fogo diz respeito ao emprego integrado das armas de apoio, em apoio a uma ideia de manobra preestabelecida pelo comando da força atacante.

2.1.1 Princípios da Coordenação de Apoio de Fogo

A coordenação eficaz exige princípios que maximizem a eficiência das armas de apoio sem comprometer a rapidez no emprego dos fogos³. Desta forma, os seguintes princípios serão utilizados na análise das ações argentinas e britânicas: a consideração do emprego de todos os meios disponíveis, no local do apoio de fogo; o emprego dos fogos de maneira oportuna; garantia da coordenação nos diversos níveis de comando; garantia da segurança de tropas e meios amigos dispostos no terreno e a eficaz integração da coordenação do espaço aéreo⁴.

2.1.2 Características das Armas de Apoio

² Brasil, 2023, pag. 1-1.

³ Brasil, 2020c, p. 2-1.

⁴ Brasil, 2020c, p. 2-2 e 2-3.

A doutrina identifica características próprias e singulares na maior parte das situações de emprego que influenciam na escolha do emprego da arma de apoio. Segundo o CGCFN-50.1:

A decisão para a escolha da arma de apoio de fogo adequada a ser empregada sobre um determinado alvo é baseada na localização e natureza do alvo, no tipo de armamento necessário à obtenção do efeito desejado e na análise comparativa das armas de apoio disponíveis.⁵

O referido manual destaca características como tipo de armamento, natureza do alvo e munição disponível, que influenciam na escolha da arma de apoio. Outra característica que trouxemos ao escopo desta pesquisa são a mobilidade e o alcance. A mobilidade encurta distâncias ou amplia alcances dependendo da situação. Sendo estas as principais utilizadas no conflito, tendo em vista a problemática da distância em que as unidades e os meios operaram afastados de suas bases de apoio, bem como os tipos de alvo, como veremos. Tal questão representou uma questão logística evidente enfrentada por ambos os Estados, em diferentes graus.

2.2 APOIO DE FOGO NAVAL

Nesta modalidade de ApF, os fogos (utilizam-se para isso: canhões, foguetes, mísseis etc.) são desencadeados pelos navios designados a fim de prover o apoio de fogo naval ao desembarque das tropas de fuzileiros navais e às operações em terra. Segundo o CGCFN-50:

O propósito do ApFN em uma OpAnf é contribuir para o cumprimento da missão da ForDbq por meio da destruição ou neutralização das instalações terrestres e defesas que se opuserem à aproximação de navios e aeronaves e ao desembarque das tropas e, ainda, do permanente apoio à progressão das tropas no terreno depois de efetivado o desembarque.⁶

O apoio prestado pelos meios navais, através dos fogos, influencia grandemente a manobra destas tropas “particularmente pela capacidade de empregar seu armamento em proveito das ações em terra”⁷. O apoio de fogo é essencial nos momentos iniciais do Assalto Anfíbio⁸ (AssAnf), quando a edificação do poder combatente está ocorrendo gradualmente na praia, à medida em que tropas de fuzileiros

⁵ Brasil, 2020c, p. 2-4.

⁶ Brasil, 2023, p. 5-1.

⁷ Brasil, 2023, p. 1-3.

⁸ Assalto Anfíbio: A modalidade mais completa de OpAnf é o AssAnf, é um ataque lançado do mar para, mediante um desembarque, estabelecer uma ForDbq em terra. Tal desembarque é executado por meios de superfície e/ou aéreos a partir de meios navais (Brasil, 2021, pag. 1-2).

navais avançam e aprofundam-se em terra. Reveste-se assim de importância a compreensão de alguns aspectos sobre o apoio de fogo naval.

2.2.1 Capacidades e Limitações do Apoio de Fogo Naval

O emprego dessas armas de apoio, com seu máximo aproveitamento, requer o conhecimento de suas capacidades e limitações. Além disso, os comandantes e decisores devem buscar a integração com as demais armas em combate.

Dentre as capacidades apresentadas no Manual CGCFN-50 e presentes no conflito das Malvinas, a primeira é a mobilidade. Para isso, o planejador, após considerar as características hidrográficas da área de desembarque (ADbq), define o posicionamento mais adequado e vantajoso para o tiro de navio.

Com relação às limitações do ApFN presentes no manual, destacamos: as condições de tempo e visibilidade; a dispersão em alcance e a comunicação navio-tropa⁹. A primeira dessas prejudica a localização dos alvos e a “condução e ajustagem do tiro do canhão naval”¹⁰. A segunda diz respeito à maior possibilidade de “fogo amigo”, portanto à segurança de tropas amigas. A limitação seguinte trata das comunicações rádio e sua possibilidade de falhas por “interferência externa ou condições atmosféricas”¹¹.

2.2.2 Fases do Emprego do Apoio de Fogo Naval

O emprego do apoio de fogo naval em operações anfíbias é organizado em três fases operacionais: preparação da área do objetivo (fogos pré Dia-D), apoio ao desembarque (fogos do Dia-D), e apoio após o desembarque (fogos pós Dia-D). Os fogos pré Dia-D são utilizados para neutralizar e/ou destruir instalações e/ou defesas inimigas que possam “se opor à aproximação da ForTarAnf da Área do Objetivo Anfíbio (AOA), assim como interdição de áreas”¹². Por outro lado, os fogos do Dia-D visam a “neutralização de instalações defensivas e/ou aéreas que interfiram no movimento navio para terra”¹³ (MNT) e nas operações iniciais em terra”¹⁴.

⁹ Brasil, 2023, p. 5-3.

¹⁰ Brasil, 2023, p. 5-3.

¹¹ Brasil, 2023, p. 5-3.

¹² Brasil, 2023, p. 5-7.

¹³ Movimento Navio para a Terra (MNT): O MNT é uma etapa da fase do Assalto que compreende o movimento ordenado de tropas, equipamentos e suprimentos dos navios de assalto para as Praias de Desembarque (PDbq) selecionadas na Área de desembarque (ADbq) (Brasil, 2021, pag. 12-1).

¹⁴ Brasil, 2023, p. 5-8.

2.3 APOIO DE FOGO DE ARTILHARIA DE CAMPANHA

Em operações anfíbias, a artilharia de campanha tem como finalidade precípua proporcionar o apoio de fogo ao comandante da ForDbq, de forma coordenada com as demais armas de apoio disponíveis. Isso permite que o comandante intervenha no combate através do fogo, buscando “a neutralização, destruição ou interdição de alvos que ameacem o cumprimento da missão”¹⁵. Assim, conforme o Manual de Artilharia de Campanha de Fuzileiros Navais, o apoio de fogo de artilharia de campanha é capaz de apoiar com fogos o assalto anfíbio e as operações subsequentes em terra. Para isso, de maneira geral cumpre as seguintes tarefas:

a) apoiar os elementos de manobra, com fogos sobre os escalões avançados do inimigo; b) realizar fogos de contra-bateria dentro do alcance de suas armas; e c) aprofundar o combate, pela aplicação de fogos sobre instalações de Comando e Controle, Comunicações e Informações (C³I) e logísticas, sobre as tropas em reserva e outros alvos situados na área de influência da força¹⁶.

De acordo com a doutrina do CFN, algumas capacidades devem, necessariamente, ser desenvolvidas pelas unidades de artilharia. Essas incluem a coordenação, o emprego da munição adequada ao alvo, o estabelecimento de um sistema de comunicações adequado, a manutenção de fluxo logístico contínuo e a prestação da segurança da posição. A utilização da função logística¹⁷ transporte para o emprego desta arma é fundamental.

Assim, quanto ao transporte, as peças e unidades de artilharia podem ser transportadas por meios não orgânicos, através de rodovias, ferrovias, aquavias ou pelo ar. Pelo modal aéreo, podem ser transportadas por helicópteros ou aviões, sendo classificadas, respectivamente, em helitransportadas e aerotransportadas.

A ArtCmp possui limitações, embora seja eficaz no emassamento de fogos. Sua principal limitação é a sua baixa capacidade de apoiar os momentos iniciais do assalto. Seu desembarque depende da conquista de uma área segura na CP¹⁸. Nesses momentos, as peças de artilharia são mais vulneráveis ao risco maior de serem atingidas por armas de tiro tenso. Essa limitação pode ser contornada pelo seu

¹⁵ Brasil, 2023, p. 3-1.

¹⁶ Brasil, 2020d, p. 1-1.

¹⁷ Função Logística: reunião, sob uma única designação, de um conjunto de atividades logísticas afins, correlatas ou de mesma natureza. Divide-se em: engenharia, manutenção, recursos humanos, salvamento, saúde, suprimento e transporte (Brasil, 2017, p. A-14).

¹⁸ Brasil, 2020d, p. 1-4.

desembarque em ilhas e/ou promontórios, considerando os alvos localizados dentro do alcance de seu armamento.

Outra limitação, particularmente importante para o Conflito das Malvinas, é a vulnerabilidade das forças aos ataques aéreos¹⁹. A lógica que envolve essas vulnerabilidades será mais bem compreendida no item a seguir.

2.4 APOIO AÉREO

No contexto doutrinário do Corpo de Fuzileiros Navais, o apoio aéreo compreende o emprego de aeronaves (Anv) da Marinha do Brasil ou de forças amigas. Para tanto, a aviação realiza atividades de combate, apoio ao combate e apoio de serviços ao combate, em prol da manobra da ForTarAnf e/ou da ForDbq. Nesse sentido, as ações podem ser conduzidas a partir de navios ou de bases terrestres, visando conferir à força apoiada uma superioridade aérea local²⁰ e uma adequação à Guerra de Manobra²¹, permitindo um giro mais rápido no ciclo OODA²² da força empregada em relação ao da oponente. O apoio aéreo deve ser entendido pela divisão em dois grandes grupos: o apoio aéreo ofensivo (ApAeOf) e apoio logístico por aeronaves²³.

2.4.1 Apoio Aéreo Ofensivo

O ApAeOf consiste na utilização de aeronaves para ações que impactem direta ou indiretamente as forças inimigas, causando-lhes dificuldades e/ou perdas. Ele é subdividido em atividades aéreas de combate e de apoio ao combate.

Nesta pesquisa, algumas modalidades de atividades aéreas de combate utilizadas pelas forças antagônicas serão estudadas. Tais como, as verificadas na

¹⁹ Brasil, 2023, p. 3-7.

²⁰ Superioridade Aérea Local é o domínio, por um determinado período, de uma porção de espaço aéreo. Essa superioridade poderá já existir pela: ausência de aviação inimiga; absoluta preponderância de meios aéreos de nossas forças, desestimulando qualquer tentativa inimiga de utilizar o espaço aéreo; ou, por último, conquista e manutenção, por meio do engajamento bem-sucedido contra as Anv inimigas (Brasil, 2020b, p. 1-3).

²¹ Guerra de Manobra é um estilo de condução do conflito em que, em síntese, a aproximação indireta é priorizada. O objetivo é abordar o inimigo a partir de uma posição vantajosa, com o propósito de romper a coesão mental de suas Forças (Brasil, 2020a, p. 3-1).

²² Ciclo OODA, também denominado de Ciclo de Boyd ou Ciclo de Decisão, é a principal base teórica empregada na Guerra de Manobra. Segundo essa teoria as ações no combate são desenvolvidas na sequência OBSERVAÇÃO - ORIENTAÇÃO - DECISÃO - AÇÃO (OODA), de forma cíclica (Brasil, 2020a, p. 3-1).

²³ Brasil, 2020b, p. 2-1.

batalha em lide, a defesa aérea (DAe) e suas subdivisões: a interceptação, a patrulha aérea de combate (PAC) e a interdição aérea. Bem como o apoio de fogo aéreo à manobra da ForDbq, que compreende o ataque a alvos na superfície por aeronaves, com o objetivo de destruí-los ou neutralizá-los²⁴.

As atividades aéreas de apoio ao combate se concretizam em tarefas que potencializam as ações da ForDbq, mesmo não envolvendo ataques diretos contra alvos inimigos. Dentre essas atividades, destacamos as mais empregadas por britânicos e argentinos no contexto desta pesquisa: as operações aeromóveis (movimentos helitransportados) e o reconhecimento aéreo²⁵.

2.4.2 Apoio Logístico por Aeronaves

As aeronaves podem desempenhar papel logístico em proveito das operações anfíbias, através de: operações aerotransportadas, reabastecimento em voo (REVO) e ressuprimento aéreo. Algumas dessas foram largamente utilizadas no conflito das Malvinas. Essas traduzem funções logísticas clássicas e asseguram a continuidade das operações, mesmo em TO distantes das principais bases militares do país envolvido no conflito²⁶.

2.4.3 Possibilidades e Limitações do Apoio Aéreo

Dentre as principais possibilidades do apoio aéreo, destacamos aqueles positivamente identificados no conflito. A velocidade e a manobrabilidade, que permitem a concentração de meios aéreos e fogos sobre determinado alvo. A variedade de ataques, com a possibilidade de variar direção e armamento empregado. A capacidade de observação, permitindo a manutenção de extensas áreas de observação com possibilidade de compilação do quadro tático. A precisão, dependente de fatores como: grau de adestramento da tripulação, técnica utilizada no voo, armamento empregado e os sistemas da Anv. O raio de ação, sendo a capacidade de operar “a partir de navios-aeródromos (NAe) ou de bases avançadas em terra”²⁷. Ressaltamos que esta última possibilidade do apoio aéreo representou um aspecto importante na Guerra das Malvinas.

²⁴ Brasil, 2020b, p. 2-3.

²⁵ Brasil, 2020b, p. 2-5 e 2-6.

²⁶ Brasil, 2020b, p. 2-7.

²⁷ Brasil, 2020b, p. 3-2.

Por outro lado, o emprego de aeronaves está sujeito a limitações relevantes. As condições meteorológicas adversas dificultam a navegação, a identificação e o ataque a alvos. O tempo de estadia na área de interesse, que é a disponibilidade que a Anv tem na área de interesse da ForDBq, implica na divisão do foco do piloto em gerenciar o consumo de combustível e cumprir a missão. E novamente, o raio de ação possui caráter dual neste sentido, uma vez que o planejador deve fazer uma solução de compromisso entre combustível e armamento, devido à restrição de peso²⁸.

2.5 CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

A coordenação das armas de apoio disponíveis e seu emprego sincronizado, considerando suas capacidades e limitações, influenciam decisivamente no planejamento e na condução das operações. Deste modo, o estabelecido nos manuais doutrinários do CFN sobre o apoio de fogo em operações anfíbias compreende um conjunto de teorias essenciais que consubstanciam a ideia de manobra dos comandantes da ForTarAnf e da ForDbq, a depender do momento na operação.

A fundamentação desenvolvida ao longo deste capítulo suportará a investigação das ações empreendidas pelas forças argentinas e britânicas durante a Guerra das Malvinas. O capítulo que se segue será voltado para as ações argentinas.

²⁸ Brasil, 2020b, p. 3-1 a 3-3.

3 APOIO DE FOGO E AÉREO ARGENTINO NAS OPERAÇÕES ANFÍBIAS

No presente capítulo, versaremos sobre as duas operações anfíbias desencadeadas pela Argentina durante a Guerra das Malvinas, com suas implicações em termos do apoio de fogo e apoio aéreo colocados em prática.

3.1 DESEMBARQUE EM PORT STANLEY - ILHAS MALVINAS

Em 1º de abril de 1982, o governador das Falklands, Rex Hunt, foi avisado por Londres da iminente invasão argentina²⁹. O movimento da Força-Tarefa foi acompanhado por satélites americanos e autoridades inglesas foram informadas³⁰. O ataque perdeu a surpresa tática nesse dia, que seria o Dia-D (previsto para o desembarque). Na mesma data, às 21h00, 92 Buzos Táticos³¹ (também chamados homens-rã) argentinos, a partir do contratorpedeiro ARA³² Santísima Trinidad, são lançados por embarcações pneumáticas a quatro quilômetros ao sul de Port Stanley³³. Entretanto, devido a uma forte tormenta no mar, somente em 2 de abril o grosso das forças argentinas desencadearam, no contexto da Operação Rosário, o assalto anfíbio e a invasão das Malvinas.

As ações principais ocorrem quando o Grupo Buzo Tático se divide em dois. O primeiro avança rapidamente para Moody Brook (alojamentos dos fuzileiros britânicos) para atacá-los de surpresa. O segundo grupo se dirige a Port Stanley para tomar a Casa do Governo e capturar Hunt. Os britânicos, seguindo as instruções de Hunt, não estavam no alojamento, mas posicionados no terreno para defender a localidade e na Casa do Governo. Nesse mesmo momento, o submarino ARA Santa Fé emerge e desembarca outros dez homens-rãs no Cabo Pembroke para preparar o desembarque do grosso da ForDbq a partir do ARA Cabo de San Antonio³⁴.

Esse navio desembarcou na praia Yorke o Batalhão de Infantaria de Marinha 2 (BIM 2) e a força do Regimento de Infantaria 25 (RI 25) que deviam tomar

²⁹ Freeman, 2019, p. 8.

³⁰ Souza, 2013, p. 73.

³¹ Agrupación de Buzos Táticos (APBT): é a principal unidade de forças especiais da Armada Argentina, atualmente sediada na Base Naval de Mar del Plata, estando vinculada operacionalmente ao Comando da Força de Submarinos. Disponível em: <https://www.argentina.gob.ar/armada/fuerza-de-submarinos/unidades/agrupacion-buzos-tacticos>. Acesso em: 14 jun. 2025.

³² ARA: Armada de la República Argentina, refere-se à Marinha Argentina. Os navios de guerra argentinos são precedidos por essa sigla em sua nomenclatura.

³³ Souza, 2013, p. 79.

³⁴ Souza, 2013, p. 79.

o aeroporto e avançar até Port Stanley, em um movimento de pinça, que convergia sobre a Casa do Governo, desde Leste, enquanto os homens-rãs o faziam do lado Oeste³⁵.

O desembarque pelo ARA Cabo San Antonio foi concluído às 6h40. Paralelamente, o ARA Hércules assumiu a patrulha de área, embora seu apoio de fogo naval não tenha sido requisitado. Pouco depois, às 7h35, o quebra-gelo ARA Almirante Irízar, posicionado ao sul do Cabo San Felipe, iniciou o helitransporte de pessoal e material, em atendimento a pedido do comandante da ForDbq. Às 8h13, o Comandante do Grupo de Escolta e Desembarque solicitou autorização para empregar ApFN contra o Farol de San Felipe, um posto de vigilância, mas o pedido foi indeferido³⁶.

Seguindo a sequência das ações, 150 Infantes de Marina³⁷ (IM) foram transportados por helicópteros Sea King para ocupar e proteger Mullet Creek, a fim de evitar contra-ataques dos Royal Marines³⁸(RM) em Moody Brook. Para concluir o movimento de pinça sobre a Casa do Governo e Moody Brook, 70 militares, helitransportados por Sea King, avançaram fechando o setor leste³⁹.

Os 68 Royal Marines, comandados pelo Major Mike Norman e reforçados por voluntários locais, lutaram para defender a Casa do Governo. Lá, concentraram maior efetivo, apesar de divididos em seis Grupos de Combate (GC) que ocuparam posições defensivas na capital. Utilizando fuzis automáticos leves (FAL), metralhadoras MAG⁴⁰, lança-granadas e armas anticarro de 89 mm Carl Gustav⁴¹, não foram capazes de conter o ímpeto argentino. O desembarque, que ocorreu sem ApFN e sem ArtCmp, superou a fraca resistência britânica presente em Port Stanley⁴².

As três condições impostas para a operação de reconquista foram plenamente cumpridas: deveria ser incruenta em relação à população e, na medida do possível, em relação às tropas britânicas (as únicas baixas seriam as suas próprias), deveria ser realizada de surpresa e de curtíssima duração⁴³.

³⁵ Duarte, 1986, p. 89.

³⁶ Mayorga; Errecaborde, 1998, p. 92.

³⁷ Infantes de Marina: Como são chamados os Fuzileiros Navais da Argentina.

³⁸ Royal Marines: Como são chamados os Fuzileiros Navais do Reino Unido.

³⁹ Souza, 2013, p. 80.

⁴⁰ Metralhadora FN MAG 7,62 mm (0,31 pol): metralhadora de uso geral usada como arma montada em tanques ou veículos ou com coronha e bipé para uso da infantaria. Fabrique Nationale d'Armes de Guerre (FN) da Bélgica. Sigla é expressão francesa "Mitrailleuse d'Appui Général"(Metralhadora de Apoio Geral). Alimentada por correia de metal com 50 projéteis. Cadência de 600 a 1.000 projéteis por minuto. Disponível em: <https://www.britannica.com/technology/MAG-machine-gun>. Acesso em: 2 ago. 2025.

⁴¹ Mayorga; Errecaborde, 1998, p. 56.

⁴² Duarte, 1986, p. 89.

⁴³ Departamento de Estudios Históricos Navales, 1992a, p. 43, tradução nossa. No original: "Se habían cumplido cabalmente las tres condiciones impuestas para la operación de reconquista: ser incruenta respecto a la población y en todo lo posible respecto a la tropa británica (las únicas bajas fueron propias), ser ejecutada por sorpresa y de muy breve duración."

Assim, o Batallón de Infantería de Marina nº 2 avançou sobre pontos estratégicos da cidade, apoiado por equipes de Buzos Táticos. Ocupar com rapidez o quartel da guarnição britânica, o aeroporto e os acessos rodoviários foi o próximo passo. Com isso, a manobra para retomada das Ilhas Malvinas foi bem-sucedida.

3.2 DESEMBARQUE EM GRYTVIKEN - ILHAS GEÓRGIAS DO SUL

Na manhã de 31 de março, durante as ações preparatórias para a ocupação de Port Stanley, o navio quebra-gelo ARA Bahía Paraíso avistou o navio patrulha de gelo HMS⁴⁴ Endurance da Royal Navy (RN) nas proximidades das Ilhas Geórgias do Sul. O Endurance tinha partido de Port Stanley no dia 20, após ser informado da provável invasão argentina, chegou a Grytviken no dia 23 com seu habitual destacamento de 13 Royal Marines, porém reforçado com mais nove RM da guarnição das Malvinas⁴⁵. Naquela tarde do dia 31, o navio inglês adentrou a Baía de Grytviken, ainda sob observação da belonave argentina.

Em 2 de abril, o Chefe do Estado-Maior da Marinha ordenou ao Comandante do Grupo Naval Antártico que executasse a operação para assegurar o controle das Ilhas Geórgia. Para isso, ativou o Grupo-Tarefa 60.1 (GT 60.1). A corveta ARA Guerico com 40 IM do Batallón de Infantería de Marina nº 1 (BIM 1) foi incorporada para o desembarque, juntamente com os tripulantes do ARA Bahía Paraíso. O GT 60.1 contava ainda com dois helicópteros de transporte de tropas, um Puma do Exército Argentino (EA) e um Alouette da ARA, além do Grupo Alfa, equipe de operações especiais com 14 Buzos Táticos e Comandos Anfíbios⁴⁶.

Devido às intempéries e dificuldades logísticas, a operação na Ilha Geórgia do Sul sofreu adiamento, iniciando em 3 de abril. Na madrugada, com ambos os navios atracados a contrabordo em Port Leith, foram transbordadas tropas e equipamentos. Na manhã desse dia, o GT 60.1 deslocou para a entrada da Baía de Grytviken, de onde decolou o Alouette para reconhecimento aéreo do dispositivo inimigo. O Puma realizou três ou quatro voos para completar o helitransporte entre o ARA Bahía Paraíso e os locais de desembarque. As necessidades de ApFN foram enviadas

⁴⁴ HMS: abreviação de "Her/His Majesty's Ship" é usada como prefixo para navios pertencentes à Marinha Real Britânica (Royal Navy).

⁴⁵ Watson; Dunn, 2021, p. 46.

⁴⁶ Mayorga; Errecaborde, 1998, p. 94.

diretamente à ARA Guerrico. O reabastecimento de material foi realizado por helicóptero ou embarcação. Pela premência de tempo, as ações não seguiram o preconizado na doutrina da ARA, não sendo elaborado um plano de MNT helitransportado⁴⁷.

Na manhã do dia 3 de abril, a ARA Guerrico e o ARA Bahía Paraíso aproximaram-se de Grytviken. Os argentinos identificaram a presença de minas navais nos acessos, mas estavam “aparentemente alheios à presença dos 22 Royal Marines, não esperavam resistência”⁴⁸.

O helicóptero Puma realizou seu primeiro traslado de 15 homens até a Estação Científica King Edward. Ao realizar o segundo, os Royal Marines, cujas posições defensivas haviam sido posicionadas na Estação Científica, abriram fogo com metralhadoras GMPG⁴⁹ contra o helicóptero e o atingiram. O piloto fez um pouso forçado na margem oposta da entrada da baía e a aeronave ficou destruída, com duas baixas e quatro feridos. Os ocupantes sobreviventes foram evacuados pelo Alouette. Após os resgates, esta aeronave transportou mais elementos de assalto à costa da Estação Científica que reforçaram a primeira equipe em terra no combate aos britânicos⁵⁰.

A Guerrico havia chegado ao porto e os RM abriram fogo contra ela, como será detalhado no subitem 3.3. Apesar dos danos à corveta, os britânicos foram forçados a se render. O Capitão Astiz relatou as baixas: quatro mortos e um ferido argentinos e um RM ferido. A Argentina havia tomado a Ilha Geórgia do Sul⁵¹.

3.3 APOIO DE FOGO NAVAL ARGENTINO

Durante as ações para a tomada de Port Stanley, o planejamento e uso do ApFN para as OpAnf continuou sendo um desafio, mesmo após a perda do fator surpresa. Os planejadores decidiram não utilizar fogo naval, artilharia ou apoio aéreo, devido a informações de que as praias estavam sem defesas.

⁴⁷ Mayorga; Errecaborde, 1998, p. 97.

⁴⁸ Watson; Dunn, 2021, p. 47, tradução nossa. No original: “The Argentines, apparently unaware of the presence of the twenty-two Royal Marines, expected no resistance”.

⁴⁹ L7A2 General Purpose Machine Gun (GPMG): é uma metralhadora de uso geral alimentada por fita de cartuchos 7,62 mm x 51 mm e pode ser usada como arma leve e em função de fogo sustentado. Disponível em: <https://www.army.mod.uk/learn-and-explore/equipment/small-arms-and-support-weapons/general-purpose-machine-gun/>. Acesso em: 15 jun. 2025.

⁵⁰ Souza, 2013, p. 84.

⁵¹ Watson; Dunn, 2021, p. 147, tradução nossa. No original: “Captain Astiz reported the Argentine casualties as four killed and one wounded. One Royal Marine was wounded.”

Assim, não havia alvos selecionados ou detectados e por isso não fazia sentido usar fogo naval em alvos presumidos. Apesar disso, um breve Plano de Fogo sob Demanda ou Fogo de Oportunidade foi confeccionado para alvos inopinados. Para essa tarefa, a corveta ARA Drummond foi designada para penetrar a Baía de Yorke, precedendo o navio ARA Cabo San Antonio. Ambos deveriam realizar “fogo naval sobre alvos presumíveis, ou um abrandamento às cegas das praias”⁵².

No dia anterior ao desembarque, o Comandante da Força de Desembarque (ComForDbq) Almirante Büsser ordenou que as unidades manobrassem independentemente para ocupar suas posições de assalto designadas. Assim, o ARA Almirante Irizar e o ARA Granville estariam prontos ao sul de Cabo San Felipe para apoiar o desembarque de pessoal e material com helicópteros de transporte ou com o fogo naval⁵³.

O destróier ARA Santísima Trinidad foi designado para o objetivo denominado Ponto Zulú⁵⁴ com a tarefa de realizar fogo naval, caso houvesse resistência inimiga. Entretanto, ao realizar uma última verificação na carta de bombardeio, esta revelou duplicidade de nomes nas quadrículas, o que gerou problemas na condução do fogo. De fato, por equívocos no Estado-Maior da ForDbq, a designação das coordenadas para a posição foi preparada e confeccionada em dois lugares distintos. Os artilheiros navais não tiveram tempo hábil para corrigir os erros, dada a celeridade do planejamento⁵⁵. Não se sabe se erros como estes, apesar de identificados a tempo, impediram o uso eficaz do Fogo Naval por parte da ForDbq.

Diferentemente das ações em Port Stanley, o ApF coube ao Grupo-Tarefa 60.1. As ações para a tomada de Grytviken seguiram dinâmica diferente. A corveta ARA Guerrico posicionou-se ao largo da boca da baía para prestar o ApFN em apoio às tropas helitransportadas. O desencadeamento dos fogos deu-se após as posições britânicas serem denunciadas ao abaterem o helicóptero Puma. Dotada de canhões de 100 mm e 40 mm, a Guerrico abriu fogo. A guarnição britânica respondeu com fuzis e metralhadoras. Os tiros foram eficazes, atingindo a Guerrico mais de 1.000 vezes,

⁵² Mayorga; Errecaborde, 1998, tradução nossa, p. 65. No original: “[...] hacer fuego naval sobre blancos presumibles, o un ablandamiento a ciegas de las playas [...] se bosquejó un escueto Plan de Fuego ‘A Pedido’ o de ‘Fuego de Oportunidad’[...]”

⁵³ Mayorga; Errecaborde, 1998, p. 66.

⁵⁴ Posição no terreno caracterizada por ser um istmo entre a região peninsular do aeroporto e o centro da cidade de Port Stanley, identificada como posição sensível por constituir-se de uma passagem com apenas dois quilômetros de extensão que representa uma espécie de desfiladeiro que facilita a defesa pelas tropas britânicas (Mayorga; Errecaborde, 1998, p. 56).

⁵⁵ Mayorga; Errecaborde, 1998, p. 65.

mas foram os disparos com foguetes anticarro de 84 mm Carl Gustav que atingiram pontos críticos, como abaixo da linha d'água e o reparo do canhão principal. Isso fez com que ela tivesse que cessar o apoio de fogo e manobrasse para posição protegida⁵⁶.

Diante do exposto, observamos que o apoio naval argentino, embora previsto em nível tático, mostrou-se ineficaz devido à coordenação deficiente, planejamento apressado e restrições operacionais, como evidenciado em Port Stanley. Por outro lado, nas ações em Grytviken, o apoio foi efetivamente executado, mesmo com limitações e forte reação inimiga. Estes episódios ilustraram a dificuldade na coordenação e execução das ações cinéticas em uma OpAnf.

3.4 APOIO DE FOGO DE ARTILHARIA DE CAMPANHA ARGENTINO

Após a captura de Port Stanley em 2 de abril de 1982, o dispositivo militar argentino nas ilhas foi rapidamente reconfigurado. Logo após a captura e liberação do campo de pouso, os argentinos trouxeram reforços por via aérea. Foram empregados “sete aviões de transporte Lockheed C-130 Hercules e dez Fokker F-27”⁵⁷. Com efetivos de Comodoro Rivadavia e outras unidades⁵⁸, visava-se incrementar o poder combatente e constituir o dispositivo defensivo adequado e capaz de enfrentar a contraofensiva britânica vindoura. A diretriz atribuída ao Comando Militar das Malvinas explicitava a condução das tarefas:

Executará as tarefas de contenção, desmantelamento, repulsão, contra-ataque e destruição de qualquer forma de ataque terrestre. Contará com artilharia terrestre capaz de disparar armas de defesa costeira e equipamentos de defesa antitanque para complementar a artilharia e conter a aproximação de embarcações e/ou veículos anfíbios blindados⁵⁹.

Durante todo o mês de abril, ocorreu um fluxo contínuo de esforços, totalizando nas ilhas “oito Regimentos de Infantaria, com dois Grupos de Artilharia de Campanha

⁵⁶ Watson; Dunn, 2021, p. 64.

⁵⁷ Watson; Dunn, 2021, p. 147, tradução nossa. No original: “[...] seven Lockheed C-130 Hercules transports and ten Fokker F-27 aircraft”.

⁵⁸ Watson; Dunn, 2021, p. 66.

⁵⁹ Lombardo, 2005, p. 146, tradução nossa. No original: “Cumplirá con las tareas de contención, desarticulación, rechazo, contraataque y aniquilamiento de cualquier forma de ataque terrestre. Dispondrá de artillería terrestre en aptitud para ejecutar tiro de defensa de costas y de material de defensa antitanque para complementar el anterior y batir la aproximación de embarcaciones y/o vehículos anfíbios blindados.”

(GAC) entre seus principais elementos”⁶⁰. O Almirante Büsser, então Comandante dos Infantes de Marina nas Malvinas, propôs e teve aceita a mobilização do Batallón de Infantería de Marina nº5 (BIM 5)⁶¹. Para dotar o BIM 5 de poder de fogo proporcional à sua área de atuação, incorporou-se a Bateria B do Batallón de Artillería de Campaña de Marina nº1 (BACM 1), equipada com seis obuseiros M-56 Oto Melara de 105 mm, com alcance de 10 km⁶².

A presença de obuseiros de 105 mm foi determinante para o adestramento e organização defensiva do terreno após o AssAnf, especialmente em áreas críticas, como em Stanley Common. A Bateria A do BACM1, desdobrada com seus seis M-56 Oto Melara como parte da força de invasão, não foi utilizada no AssAnf, assim como nenhuma das peças de artilharia. Entretanto, em um segundo momento da guerra, de consolidação das ilhas pelos argentinos, foi utilizada, por exemplo, para apoiar as posições defensivas do BIM 2 nos montes Longdon, Two Sisters e Harriet⁶³.

3.5 APOIO AÉREO ARGENTINO

A OpAnf da FT argentina em Port Stanley contou com o emprego massivo de aeronaves. Desde os helicópteros Sea King, utilizados no transporte de tropas, até os aviões de transporte C-130 Hercules, operando a partir “de Porto Gallegos e Comodoro Rivadavia no continente”⁶⁴.

Em Port Stanley, prosseguiu-se com a inserção helitransportada dos IM. A primeira unidade-tarefa foi lançada sobre Mullet Creek por helicópteros Sea King, visando isolar o quartel britânico em Moody Brook. O grupo lançado de leste, também por Sea King, fechou a manobra de pinça sobre a casa do Governo⁶⁵.

No dia 2 de abril, o AssAnf prosseguiu com o apoio de blindados e viaturas de transporte, na Praya Roja, Baía Yorke. Às 6h30, tropas britânicas observaram o avanço de 16 veículos anfíbios de transporte de pessoal do BIM 1⁶⁶. Assim, o Contra-Almirante Büsser, diante da ausência de contato entre as tropas blindadas e os

⁶⁰ Mayorga; Errecaborde, 1998, p. 201, tradução nossa. No original: “8 Regimientos de Infantería, con dos Grupos de Artillería, entre sus elementos principales”.

⁶¹ Mayorga; Errecaborde, 1998, p. 202.

⁶² Mayorga; Errecaborde, 1998, p. 203.

⁶³ Bijl; Hannon, 1992, p. 8.

⁶⁴ Duarte, 1986, p. 95.

⁶⁵ Souza, 2013, p. 80.

⁶⁶ Duarte, 1986, p. 92.

comandos anfíbios precursores, e percebendo uma resistência britânica “mais intensa do que o esperado”, avaliou a situação. Em decorrência, determinou que o BIM 1 e uma bateria Oto Melara 105 mm fossem posicionados através de helitransporte, em posições que permitissem “reforçar as ações”⁶⁷.

Como consequência, o aeroporto de Port Stanley foi rapidamente tomado por forças argentinas. Após a retirada de obstáculos e liberação da pista, por volta das 7h00, teve início uma série de voos de C-130 Hercules, que trouxeram novos efetivos e materiais. Os voos incluíram peças de apoio de fogo (morteiros pesados e obuseiros), bem como meios de busca de alvos e a instalação de um grande radar na elevação dominante próxima a Port Stanley⁶⁸.

Os RM mantiveram resistência até aproximadamente 8h00, a partir das instalações da Casa de Governo, infligindo baixas às tropas atacantes⁶⁹. O cessar-fogo e a rendição do governador Rex Hunt ocorreram às 9h15, perante o General de Divisão Osvaldo Garcia do EA. Com isso, deu-se prosseguimento aos voos logísticos e aos desembarques administrativos⁷⁰.

No dia seguinte, em 3 de abril, ocorreu o assalto à Grytviken, na Ilha Geórgia do Sul. A operação foi conduzida com apoio de helicópteros Alouette (da ARA) e Puma (do EA), lançados a partir do navio ARA Bahía Paraíso⁷¹. Antes de iniciar as inserções de tropa, a aeronave Alouette realizou voos de reconhecimento aéreo, visando identificar aspectos do dispositivo inimigo.

Após isso, a aeronave Puma iniciou o transporte de tropas, posicionando o primeiro grupo que avançou no esquadrinhamento da localidade na Estação Científica King Edward. Na segunda tentativa de inserção, o helicóptero foi abatido pelas forças britânicas posicionadas na Estação Científica. Naquele momento, o Alouette assumiu a tarefa de evacuar os feridos para o ARA Bahía Paraíso. Seguido a esta ação, a aeronave assumiu a tarefa de inserção das tropas na Estação. Ao final da ação, a força atacante argentina perdeu dois militares, e os britânicos optaram pela rendição. Havia uma desvantagem numérica, de meios e ausência de possibilidades de reforço⁷².

⁶⁷ Souza, 2013, p. 81 e 82.

⁶⁸ Souza, 2013, p. 82.

⁶⁹ Freeman, 2019, p. 10.

⁷⁰ Duarte, 1986, p. 89.

⁷¹ Bijl; Hannon, 1992, p. 7.

⁷² Bijl; Hannon, 1992, p. 7.

Após a ocupação das Ilhas Malvinas e Geórgia do Sul, a ForDbq havia concluído o assalto anfíbio. Com isso, passou a concentrar-se na preparação do dispositivo defensivo das ilhas. Para isso, os argentinos empregaram aviões de ataque leve, como os IA-58 Pucará, T-34C Mentors, Aermacchi M-339 e helicópteros Agusta A109A, articulando suas ações com os recursos aéreos posicionados em terra. As Anv foram posicionadas em pistas improvisadas ou locais não identificados na ilha⁷³.

O Governador nomeado, General Menéndez, planejou uma defesa prevendo o lançamento de 15 helicópteros com tropas para repelir a força na CP assim que fosse identificado o local do desembarque inimigo, o que foi confirmado nos capítulos posteriores. Esse ataque aéreo seria apoiado por caças e aeronaves de ataque leve Pucará, operando a partir da Ilha Pebble⁷⁴.

Após a conquista de Port Stanley ocorre o remanejamento de tropas, com a retirada de fuzileiros navais e o deslocamento estratégico de grandes contingentes de forças terrestres e elementos de artilharia. Tal movimento marcou a transição do esforço argentino de uma manobra ofensiva para a organização de uma defesa terrestre das ilhas, diante da anunciada reação britânica⁷⁵.

3.6 CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

As ações argentinas de ApF e ApAe, no contexto das OpAnf para a tomada de Port Stanley e Grytviken, revelaram o planejamento do emprego, ainda que restrito, desses meios em apoio às manobras.

O ApAe concentrou-se em movimentos helitransportados e reconhecimento, enquanto o ApFN foi restrito e pontual. A ArtCmp, apesar de posicionada por ocasião dos desembarques, não foi empregada nesta fase inicial da campanha.

O impacto da mudança de enfoque do esforço operacional argentino será examinado à medida que a dialética do conflito se desenvolver com as decisões e ações da contraparte, as quais serão objeto de pesquisa do capítulo posterior.

⁷³ Thompson, 2000, p. 81.

⁷⁴ Miller, 2023.

⁷⁵ Mayorga; Errecaborde, 1998, p. 117 e 201.

4 APOIO DE FOGO E AÉREO BRITÂNICO NAS OPERAÇÕES ANFÍBIAS

Em 5 de abril de 1982, parte da movimentação britânica para o conflito no Atlântico Sul teve início. Os NAe HMS Invincible e HMS Hermes, acompanhados por navios de escolta e de apoio, suspenderam de Portsmouth. O carregamento dessas embarcações evidenciava a intenção operacional britânica. O HMS Hermes transportava a bordo 12 aviões de caça Sea Harriers e 15 helicópteros de diversos portes⁷⁶.

No dia seguinte, suspenderam o navio de desembarque doca (NDD) HMS Fearless e o RFA⁷⁷ Sir Galahad com tropas de fuzileiros navais e meios aéreos adicionais⁷⁸. Em 7 de abril, o governo britânico declarou uma zona de exclusão marítima de 200 MN em torno das Malvinas, com início em 12 de abril. Com a presença de submarinos nucleares na área, ocorreu a determinação de que “qualquer navio argentino seria considerado hostil e poderia ser afundado”⁷⁹.

Em 21 de abril, após duas semanas, o Estado-Maior da ARA lançou um plano de reconhecimento aéreo com Boeing 707 da FAA. O primeiro contato com a British Task Force (BTF) ocorreu por meio dessa aeronave, mas a limitação de sensores levou à sua interceptação por Sea Harriers. Dessa forma, a prontidão aérea britânica ficou evidente⁸⁰ e, com isso, foi testada sua capacidade de reação no teatro de operações. Essa postura assegurou a iniciativa e a busca pelo controle do espaço, desde o início do conflito.

4.1 DESEMBARQUE EM GRYTVIKEN E LEITH – OPERAÇÃO PARAQUET

Com o deslocamento da Task Force de Ascensão rumo ao Atlântico Sul, o risco de detecção por aeronaves argentinas tornou-se uma constante. Em resposta, o governo britânico declarou, em 25 de abril, uma “zona defensiva ao redor da força”⁸¹. A partir de então, a proteção ficou a cargo dos Harriers e mísseis superfície-ar. Qualquer

⁷⁶ Watson; Dunn, 2021, p. 149.

⁷⁷ RFA: “Royal Fleet Auxiliary” é a denominação dos navios da frota auxiliar da Marinha Real Britânica, composta por navios civis que fornecem apoio logístico e operacional às operações navais.

⁷⁸ Watson; Dunn, 2021, p. 149.

⁷⁹ Watson; Dunn, 2021, p. 149.

⁸⁰ Mayorga; Errecaborde, 1998, p. 126.

⁸¹ Freeman, 2019, tradução nossa, p. 12. No original: “defensive zone around the force”.

ameaça à BTF “receberia uma resposta apropriada”⁸². Inclusive, com a possibilidade de abate de aeronaves civis argentinas em missões de vigilância.

O planejamento britânico para a reocupação da Geórgia do Sul começou em 7 de abril. O Comandante do contratorpedeiro HMS Antrim, Captain Brian Young, chefiou o planejamento da missão. Integravam a força destacada as fragatas HMS Brilliant, HMS Plymouth, o quebra-gelo HMS Endurance, o navio-tanque RFA Tidespring, além da Companhia M do 42 Commando dos RM, equipes de operações especiais Special Air Service (SAS) e Special Boat Service (SBS)⁸³.

Em 22 de abril, o Esquadrão (Esqd) D SAS foi helitransportado para a Geleira Fortuna, pela Anv Wessex Mark (Mk.) 5 para missão de reconhecimento. Enquanto destacamentos SBS avaliavam acessos a Grytviken, poucas horas depois, condições climáticas severas forçaram a evacuação emergencial do SAS. Os dois helicópteros Wessex Mk.5 enviados para o resgate caíram na mesma área. A desorientação causada por nevasca intensa e falta de visibilidade foram apontadas como fatores causadores. Um terceiro foi lançado, um Wessex Mk.3 equipado com radar e piloto automático, que operou nas condições adversas e resgatou todo o grupo⁸⁴. Diante do insucesso, o SAS optou pela infiltração por mar com cinco embarcações Gemini⁸⁵.

Em 25 de abril, o Wessex Mk.3 do HMS Antrim detectou o submarino ARA Santa Fé, navegando na superfície. Helicópteros Lynx e Wasp das fragatas iniciaram uma intensa caçada com torpedos e mísseis ar-superfície AS.12⁸⁶. Apesar da falha de um torpedo Mk.46, a série de ataques com mísseis e metralhadoras forçou o submarino, severamente avariado, a refugiar-se na Baía de Grytviken “muito danificado e navegando muito inclinado”⁸⁷. Enquanto o Santa Fé era neutralizado no cais da Estação de Grytviken, às 9h15, forças britânicas desembarcaram de Wessex em Punta Sierra, nas proximidades da Ponta King Edward.

Simultaneamente, o bombardeio naval da posição iniciou-se. A eficácia foi tão decisiva que “quando os projéteis caíram a algumas centenas de metros da posição

⁸² Freeman, 2019, p. 12, tradução nossa. No original: “Any threat to the Task Force would receive an appropriate response”.

⁸³ Mayorga; Errecaborde, 1998, p. 117.

⁸⁴ Thompson, 2000, p. 68 e 69.

⁸⁵ Miller, 2023.

⁸⁶ Freeman, 2019, p. 15.

⁸⁷ Thompson, 2000, p. 70, tradução nossa. No original: “[...] muy dañado y navegando muy escorado”.

argentina, uma bandeira branca foi hasteada”⁸⁸. Na manhã de 26 de abril, o Capitão Lagos, ciente da “manifesta inferioridade”⁸⁹ de sua guarnição, decidiu pela rendição.

Após o eficaz bombardeio naval e a inserção de tropas por helicópteros, a guarnição argentina de Leith esvaziou sua esperança de ApAe vindo do continente. Rendeu-se em 26 de abril, após a queda de Grytviken. Assim, a Operação Paraquet evidenciou a integração entre forças especiais, apoio aéreo e fogo naval, resultando na rápida neutralização das defesas argentinas em Grytviken.

4.2 INCURSÃO ANFÍBIA EM PEBBLE ISLAND

Os planejadores britânicos avaliaram o aeródromo de Calderón, em Pebble Island (norte de West Falkland), como ponto ideal para apoiar ataques argentinos ao Estreito de San Carlos. Assim, para neutralizar essa ameaça ao desembarque em Baía San Carlos, o Reino Unido decidiu pela Incursão Anfíbia (IncAnf)⁹⁰ em Pebble Island, em 15 de maio.

A ameaça à futura CP em San Carlos agravou-se após intensos ataques aéreos britânicos a partir de 1º de maio. Esses ataques levaram à dispersão de meios aéreos argentinos nas ilhas. Com isso, seis Pucarás foram deslocados de Darwin para a Pebble Island⁹¹. O destacamento de Calderón já operava quatro aviões de treinamento T-34C Mentor e um Skyvan, Anv leve de transporte⁹².

A guarnição argentina, composta por 126 homens da Companhia (Cia) H do BIM 3, com reforços de Seções de Morteiros e de Canhões 75 mm sem recuo, dois Grupos de Metralhadoras MAG e Pelotões Médico, de Engenharia e de Comunicações, dispunha de um dispositivo defensivo na área. Assim, efetivos realizavam a cobertura na pista de pouso, a partir de Monte First e da Baía dos Elefantes, e reservas posicionavam-se nas instalações civis da vila local⁹³.

Com o clima extremo dos últimos dias, doenças respiratórias e desgaste físico fragilizaram gravemente a efetividade da defesa. O Comandante da Cia reorganizou

⁸⁸ Thompson, 2000, p. 71, tradução nossa. No original: “Cuando los proyectiles caían a unos cientos de metros de la posición argentina, se izó una bandera blanca”.

⁸⁹ Mayorga; Errecaborde, 1998, p. 234, tradução nossa. No original: “[...] manifiesta inferioridade [...]”.

⁹⁰ Incursão Anfíbia (IncAnf): Modalidade de OpAnf que compreende uma rápida penetração ou a ocupação temporária de um objetivo em região litorânea hostil ou potencialmente hostil, seguida de uma retirada planejada (Brasil, 2021, p.1-2).

⁹¹ Bijl; Hannon, 1992, p. 7.

⁹² Mayorga; Errecaborde, 1998, p. 126.

⁹³ Mayorga; Errecaborde, 1998, p. 330.

o dispositivo buscando o alívio de seus homens. Os postos de observação foram recuados para junto das instalações civis, comprometendo a vigilância da área. Neste contexto bastante favorável, entre 12 e 14 de maio, helicópteros da BTF infiltraram o Esqd D do SAS, em operação dificultada por ventos extremos⁹⁴.

Com a 17ª Tropa já posicionada para servir como guias, o Esquadrão D enviaria a 18ª Tropa (Mobilidade) como força de ataque ao aeródromo. A 16ª Tropa (Aérea) protegeria o assentamento e a 19ª Tropa serviria como reserva. [...] Com a 18ª Tropa atrasada para chegar ao aeródromo, a 19ª Tropa recebeu a tarefa principal de destruir a aeronave Pucará⁹⁵.

O apoio de fogo naval “pesado e contínuo, com uso de munições traçantes”⁹⁶ foi decisivo para o êxito da OpAnf. Às 4h10 de 15 de maio, o destróier HMS Glamorgan iniciou intenso bombardeio à pista de pouso e saturou as posições defensivas argentinas, nos setores visados. Assim, os britânicos fixaram as forças na região de casaríos durante toda a ação no aeródromo e garantiram a segurança da retirada planejada, em pouco mais de uma hora⁹⁷.

O Comandante argentino local acionou patrulhas para inspeção da pista, enquanto as equipes dos canhões sem recuo receberam ordem de retraimento de postos para proteger a vila. Entretanto, a tentativa de reconhecimento foi frustrada por nova barragem de fogos navais interpostos entre a vila e o aeródromo, seguidos por rajadas de armas automáticas que confirmaram a presença de forças britânicas já em terra⁹⁸.

O SAS empregou metralhadoras, granadas de 40 mm, foguetes LAW⁹⁹ e cargas explosivas em aeronaves, depósitos de combustível e munição. A capacidade aérea argentina sofreu um impacto: seis Pucarás, quatro T-34C Mentors, um Skyvan, a instalação radar e os depósitos logísticos foram totalmente inutilizados¹⁰⁰. Após a ação, não houve confronto direto com forças argentinas, e os comandos foram extraídos por helicópteros do HMS Hermes.

⁹⁴ Mayorga; Errecaborde, 1998, p. 331.

⁹⁵ Miller, 2023, tradução nossa. No original: “With 17 Troop already in place to serve as guides, D Squadron would deploy 18 (Mobility) Troop as the raid force for the airfield, 16 (Air) Troop would screen off the settlement, and 19 Troop would serve as the reserve. The darkness, distance, terrain, and bitter cold slowed the movement, and with 18 Troop late to arrive on the airfield, 19 Troop was given the primary task of destroying the Pucara aircraft”.

⁹⁶ Mayorga; Errecaborde, 1998, p. 334, tradução nossa. No original: “El fuego naval era nutrido y continuo, con uso de proyectiles trazantes[...]”

⁹⁷ Mayorga; Errecaborde, 1998, p. 334.

⁹⁸ Mayorga; Errecaborde, 1998, p. 334.

⁹⁹ M72 LAW: São lançadores de foguetes leves de 66 mm, descartáveis e de disparo único, utilizados pelos elementos SAS. São altamente eficazes contra veículos de casco macio e blindados leves, com alcance de até 200 m. Disponível em: <https://www.eliteukforces.info/special-air-service/weapons/LAW.php>. Acesso em: 2 ago. 2025.

¹⁰⁰ Miller, 2023.

O ataque foi considerado um êxito total, sem perdas significativas para os britânicos, e causou impacto direto sobre a capacidade defensiva das forças argentinas na ilha¹⁰¹. Através do uso coordenado de forças especiais, aviação e ApFN direto, a incursão em Pebble Island eliminou a ameaça representada pelo aeródromo de Calderón. Com isso, foi reduzida a capacidade argentina de realizar ataques aéreos, a partir do norte de West Falkland Island. Essa situação ampliou a segurança na CP e facilitou o desembarque em San Carlos.

4.3 ASSALTO ANFÍBIO EM SAN CARLOS

O desembarque principal teve início nas primeiras horas de 21 de maio, precedido por ações diversionárias aéreas e navais. Essas operações visavam dissimular as posições reais das praias de desembarque e fixar eventuais unidades argentinas afastadas de San Carlos. Harriers atacaram em Port Louis, Goose Green e Fox Bay. Os bombardeios navais concentraram-se no setor sul de Goose Green pelo HMS Glamorgan e em Foul Bay, a norte de East Falkland, pelo HMS Antrim e pela HMS Ardent¹⁰².

Informações de inteligência indicaram ausência de resistência na ADBq. Entretanto, uma patrulha terrestre do HMS Brilliant identificou uma fração argentina em Fanning Head¹⁰³, promontório com dominância sobre a Baía de San Carlos, com excelente campo de observação e possibilidade de intervenção inimiga. A posição era guarnecida por elementos da Cia C do RI 25 integrando a Equipe de Combate (EC) Güemes, desdobrados para Port San Carlos, após as ações em Pebble Island¹⁰⁴.

A 3ª Tropa SBS conduziu a neutralização da EC Güemes, lançada pelo helicóptero do HMS Antrim na madrugada de 21 de maio. A infiltração foi precedida por reconhecimento aéreo, com câmera térmica. Com base nos dados, 25 operadores especiais realizaram a ação. A equipe contou com a presença do Capitão Hugh McManners, observador avançado (OA) da 148ª Bateria de Observação de Comandos, responsável por conduzir os fogos do canhão do contratorpedeiro¹⁰⁵.

¹⁰¹ Mayorga; Errecaborde, 1998, p. 334.

¹⁰² Watson; Dunn, 1984, p. 166.

¹⁰³ Watson; Dunn, 1984, p. 166.

¹⁰⁴ Bijl e Hannon, 1992, p. 17.

¹⁰⁵ Miller, 2023.

O Antrim bombardeou Fanning Head a partir das coordenadas do observador avançado, preparando o assalto. Esse binômio, o SBS e a artilharia naval, causou 11 baixas dos 20 combatentes da EC (outros 40 permaneceram como reserva em instalações de Port San Carlos), seis renderam-se, o restante evadiu-se¹⁰⁶. Nesse dia, o Esqd D do SAS, helitransportado, realizou ações diversionárias em Darwin e Goose Green, com metralhadoras, morteiros, foguetes LAW e fogo naval. O Comando argentino então concluiu que o desembarque principal se daria naquela região¹⁰⁷.

Conforme a ideia de manobra estabelecida pelo General de Brigada Thompson, ComForDbq, a cabeça de praia foi formada por quatro pontos de desembarque: o 40 Commando e o 2º Batalhão do Regimento de Paraquedistas (2 PARA) desembarcando em San Carlos (setores norte e sul), o 3 PARA em Port San Carlos e o 45 Commando na Baía de Ajax¹⁰⁸.

O ApAe britânico manteve-se constante, com Sea Harriers em interdição e interceptação. Apesar disso, a Força Aérea Sul (FAS)¹⁰⁹ reagiu com vigor com cerca de 72 missões de ataque aéreo, em quatro ondas, lançadas naquele dia. Aviões Pucarás oriundos de Port Stanley realizaram os primeiros ataques, seguidos por Skyhawks e Mirages do continente. As defesas aérea e antiaérea britânicas reagiram eficazmente. Desses combates, resultaram na queda de 16 aviões e quatro helicópteros argentinos, além da perda de dois Gazelles e um Harrier britânicos¹¹⁰.

Com o expressivo ataque aéreo argentino, no primeiro dia do desembarque, a HMS Ardent sofreu o impacto de múltiplas bombas, incluindo duas de 1000 lb, vindo a afundar. A HMS Argonaut foi severamente danificada, e os HMS Antrim, Brilliant e Broadsword também foram atingidos por bombas que não detonaram¹¹¹.

Na CP, prosseguia o carregamento para as praias da artilharia de campanha e dos sistemas de defesa antiaérea. Foram desembarcados os seis canhões leves da 79ª Bateria de Comandos e as 12 peças de lançadores antiaéreos Rapier da Bateria

¹⁰⁶ Thompson, 2000, p. 90.

¹⁰⁷ Miller, 2023.

¹⁰⁸ Watson; Dunn, 1984, p. 167.

¹⁰⁹ Força Aérea Sul (FAS): Comando de nível tático superior constituído no contexto do conflito das Malvinas, por diretiva do Comandante de Operações Aéreas da Argentina. A ela foram atribuídas a maioria das unidades de combate — incluindo aviões e artilharia antiaérea (Argentina, 2012, p. 81, 86 e 88).

¹¹⁰ Watson; Dunn, 1984, p. 167.

¹¹¹ Watson; Dunn, 1984, p. 167.

T¹¹². O posicionamento dos lançadores exigia precisão e rapidez diante da ameaça aérea.

Por essa razão, o grupo de reconhecimento da Bateria T embarcou no Sea King com um lançador Rapier, no gancho do helicóptero, e sobrevoou posições pretendidas nas elevações de Port San Carlos. O Sea King foi “escortado por dois helicópteros Gazelles, armados com foguetes SNEB¹¹³ e uma GPMG”¹¹⁴. O posicionamento da peça foi interrompido em virtude de ataque por tropas reservas da EC Güemes, ainda em Fanning Head realizando retraimento para o Leste. Alvejados por armamento portátil, o Sea King conseguiu retornar, porém ambos os Gazelles foram abatidos no local.

No dia 22 de maio, um elemento¹¹⁵ de Skyhawks avançou sob densa nebulosidade, sendo prontamente repellido por Harriers. Apesar dos ataques, “ao final do dia, cinco mil soldados britânicos estavam em terra e ocupavam uma área de 16 km²”¹¹⁶. No dia seguinte, quatro Skyhawks realizaram novas surtidas que culminaram no afundamento da HMS Antelope. A fragata foi atingida por duas bombas que, inicialmente, não detonaram. Durante a tentativa de desativação, uma delas explodiu, causando um incêndio incontrolável e seu afundamento¹¹⁷.

Os ataques aéreos argentinos intensificaram-se no dia 24. Um total de 24 aeronaves Mirages e Skyhawks efetivaram ataques contra a ForTarAnf em San Carlos. Desta vez, os alvos foram os navios anfíbios. O navio logístico de transporte RFA Sir Bedivere sofreu danos leves. Os NDD HMS Sir Galahad e o HMS Sir Lancelot, apesar de atingidos por bombas de 1000 lb, estas não detonaram¹¹⁸.

A superioridade aérea local é um dos requisitos essenciais para a realização de uma OpAnf¹¹⁹. Contudo, a superioridade aérea britânica, ainda que contestada,

¹¹² Thompson, 2000, p. 110.

¹¹³ Lançador de Foguetes SNEB: foguete francês Tipo 26P de 68 mm (2,7 pol) ar-solo não guiado. Fabricado pela Societe Nouvelle des Etablissements Edgar Brandt (SNEB). Projetados para lançamento por aeronaves de combate e helicópteros. Disponível em: <https://cat-uxo.com/explosive-hazards/rockets/68mm-type-26p-rocket>. Acesso em: 04 ago. 2025.

¹¹⁴ Thompson, 2000, p. 111, tradução nossa. No original: “[...]escortados por pares de Gazelles armados con cohetes SNEB y un GPMG”.

¹¹⁵ Elemento: 1. Formação composta de duas ou três aeronaves, conforme a aviação a que pertença. 2.(MB) Agrupamento formado para emprego tático, composto de, no mínimo, duas aeronaves do mesmo tipo. 3. Designação genérica para qualquer fração de uma força ou de uma organização militar (Brasil, 2015, p. 98/288).

¹¹⁶ Watson; Dunn, 1984, p. 168, tradução nossa. No original: “By the end of the day, 5,000 British troops were ashore and occupied an area of ten square miles”.

¹¹⁷ Freeman, 2019, p. 27.

¹¹⁸ Freeman, 2019, p. 28.

¹¹⁹ Brasil, 2021, p. 4-1.

permitiu manter a proteção de seus meios e do avanço em terra. A cabeça de praia estava firmemente estabelecida, com todos os três Comandos de Royal Marines, os dois Batalhões de Paraquedistas, os lançadores Rapier e as Baterias de Canhões Leves em terra¹²⁰.

A partir de então, as ações se desenvolveram no ambiente terrestre, sob forte ação de artilharia, aviação e fogo naval. Com as forças britânicas avançando para o Leste, rumo a Port Stanley, e as argentinas guarnecendo posições defensivas em dispositivos retrógrados nas diversas elevações no entorno da capital.

4.4 APOIO DE FOGO NAVAL BRITÂNICO

Na Operação Paraquet, de reconquista da Geórgia do Sul, equipes do SAS e SBS atuaram integradas aos Observadores Avançados de Tiro Naval da 148ª Bateria (unidade pertencente à Artilharia Real)¹²¹. Essa opção de emprego mostrou-se adequada, pois esses elementos foram fundamentais para a eficácia do fogo naval.

Segundo registros, quando o submarino argentino ARA Santa Fé foi neutralizado, foi iniciado um bombardeio naval sobre as posições inimigas, contribuindo decisivamente para o desfecho daquela batalha. O HMS Antrim e a HMS Plymouth realizaram 236 disparos de canhões de 4,5 pol contra alvos em terra selecionados com uma precisão que preservou as instalações civis britânicas. O General Thompson enfatizou que essa precisão no tiro naval contribuiu significativamente para a rendição inimiga¹²².

[...] Às 10h, o fogo de artilharia naval britânica foi iniciado, direcionado a pontos proeminentes próximos à posição argentina. Então, o fogo foi rebatido pelo posto de observação inimigo, que, como mencionado anteriormente, não pôde ser engajado. [...] O bombardeio foi realizado em salvas de seis a dez tiros, alternando a cadência de tiro em intervalos de aproximadamente cinco minutos. Das posições argentinas, os navios que atiravam não eram visíveis; presumia-se que estivessem atirando do mar aberto ou da Baía Grande. Mais tarde, com a inteligência inimiga, soubemos que os navios eram o HMS Antrim e a fragata HMS Plymouth [...]¹²³.

¹²⁰ Freeman, 2019, p. 28.

¹²¹ Freeman, 2019, p. 28.

¹²² Thompson, 2000, p. 71.

¹²³ Mayorga; Errecaborde, 1998, p. 233, tradução nossa. No original: "A las 10.00 comenzó el fuego naval británico reglado sobre puntos notables próximos a la posición argentina, y luego corregido por el puesto de observación enemigo, al que como se ha dicho, no se podía batir.[...]El bombardeo se hacía en salvas de seis a diez disparos, alternando la cadencia de los mismos con intervalos de cinco minutos aproximadamente. Desde las posiciones argentinas no se veían los buques que disparaban, se suponía que lo hacían desde mar abierto o desde Bahía Grande. Más adelante, ya en posesión de información enemiga sabríamos que se trataba del HMS Antrim y de la fragata HMS Plymouth[...]"

Naquela tarde, os ataques continuaram, com observadores embarcados em helicópteros ajustando as salvas. A pressão e o cerco impostos pelos britânicos se intensificaram progressivamente, culminando na rendição argentina¹²⁴.

Em Pebble Island, a guarnição argentina, apesar de imobilizada pelos tiros do HMS Glamorgan e das metralhadoras GPMG do grupo de cobertura do Esqd D, se viu forçada a contra-atacar, com o início do ataque às 2h45. Porém o contra-ataque teve pouca efetividade. O grupo de assalto, liderado pelo Cap. Hamilton, com Cap. Brown como observador para coordenar o fogo do Glamorgan, destruiu as 11 aeronaves e iniciou sua retirada às 3h30. A participação do contratorpedeiro Glamorgan, que deveria ter deixado sua posição de tiro às 3h00, mas seu Comandante decidiu permanecer fornecendo o apoio, reforçou o comprometimento dos navios com o esforço terrestre. Thompson observou que, anteriormente, contratorpedeiros e fragatas já haviam assumido riscos semelhantes para cumprir essa tarefa¹²⁵.

Antes do Dia D, equipes de OA de Fogo Naval foram posicionados nas imediações de San Carlos, a fim de assegurar a condução eficaz dos fogos durante e após os desembarques. A equipe liderada pelo Capitão McCracken representou um exemplo dessa condução eficaz, quando estabeleceu posto de observação na Montanha Sussex e apoiou assim o avanço do 2 PARA no cumprimento de suas tarefas¹²⁶.

Além disso, a atuação em Fanning Head ilustrou com clareza o valor da coordenação do apoio de fogo. O OA de Fogos Navais assegurou a eficácia dos disparos e uma atuação sinérgica com a tropa no terreno, com sua capacidade de observação e ajuste¹²⁷. O posicionamento prévio de observadores de fogos navais ratifica a concepção do planejamento antecipado e ajustado, em tempo real, do ApFN, a partir da linha de frente, conforme as condições táticas do combate.

A campanha britânica pela retomada das Ilhas Malvinas contou com episódios de intenso emprego do ApFN. Essa modalidade foi essencial para o êxito das operações preparatórias e anfíbias. Desde as ações iniciais na Geórgia do Sul até os dias antecedentes e subsequentes ao assalto principal em San Carlos, os fogos navais britânicos, ajustados por observadores em terra e em voo, cumpriram com eficácia sua missão. Esses bombardeios exerceram papel de inquietação e neutralização de

¹²⁴ Mayorga; Errecaborde, 1998, p. 234.

¹²⁵ Thompson, 2000, p. 77 e 78.

¹²⁶ Thompson, 2000, p. 78.

¹²⁷ Thompson, 2000, p. 78.

posições argentinas estabelecidas, impondo desgaste psicológico, apesar dos reve-
ses causados pela aviação inimiga.

4.5 APOIO DE FOGO DE ARTILHARIA DE CAMPANHA BRITÂNICO

A campanha nas Ilhas Malvinas evidenciou a importância da integração entre armas no TO, por seu caráter insular e dependência da projeção de poder naval sobre terra. Entretanto, no âmbito da realização das OpAnf britânicas, desconsiderando as ações terrestres, o papel desempenhado pela artilharia de campanha, em prol da ForDbq representada pela 3ª Brigada de Comandos dos Royal Marines, foi modesto. A principal unidade britânica, neste momento do conflito, foi o 29º Regimento de Artilharia do Comando da Marinha Real. Para Thompson,

[...] o 29º Regimento de Artilharia do Comando da Marinha Real, que apoia a Brigada, tem três baterias, cada uma equipada com seis canhões leves de 105 mm (a bateria do Exército Territorial que abastece a quarta bateria de canhões do Regimento não participou da campanha). O Regimento também tem uma bateria treinada e equipada para controlar e sinalizar o disparo de canhões navais: a 148ª Bateria de Observação Avançada. Os observadores e suas equipes da 148ª Bateria são treinados para pousar à frente da força principal por helicóptero, pequeno barco, submarino ou paraquedas, a fim de identificar alvos para engajamento dos navios de guerra que apoiam o desembarque principal. Eles fizeram isso durante a campanha, mas usando helicópteros ou pequenos barcos para o desembarque em vez de paraquedas ou submarinos¹²⁸.

Semanas anteriores aos primeiros desembarques nas ilhas foram marcadas por uma participação indireta da artilharia em operações preparatórias. O emprego do destacamento de equipes de observadores de fogo naval da 148ª Bateria de Comandos, para ajustar os tiros. Assim, os fogos navais foram conduzidos eficazmente na reconquista da Geórgia do Sul¹²⁹. Tal emprego de observadores de artilharia contribuiu com a interoperabilidade entre as armas de apoio de fogo disponíveis no TO, apesar de não ter sido verificado o uso dos obuseiros no apoio ao desembarque.

¹²⁸ Thompson, 2000, p. 39, tradução nossa. No original: “[...] el Regimiento 29 de la Real Artillería de Comandos de Infantería de Marina, que presta apoyo a la Brigada, cuenta con tres baterías equipadas cada una con seis cañones livianos de 105 mm (la batería de ejército territorial que suministra la cuarta batería de cañones al Regimiento no intervino en la campaña). El Regimiento cuenta también con una batería adiestrada y equipada para controlar y señalar el tiro de los cañones navales: la Batería 148 de Observación Avanzada. Los observadores y sus equipos de la Batería 148 están entrenados para desembarcar antes que la fuerza principal mediante helicópteros, embarcaciones pequeñas, submarinos o para caídas a fin de señalar los objetivos a batir por el fuego de los buques de guerra que apoyan el desembarco principal. Así lo hicieron durante la campaña pero utilizando para el desembarco helicópteros o pequeñas embarcaciones en lugar de para caídas o submarinos”.

¹²⁹ Thompson, 2000, p. 77.

A capacidade de deslocamento da artilharia britânica foi fator determinante no planejamento do desembarque em San Carlos, como ocorre nas OpAnf. Conforme o plano do General Thompson, após a consolidação dos terrenos elevados que dominavam o entorno de Port San Carlos, San Carlos (a vila) e a Baía de Ajax, uma bateria de canhões leves foi helitransportada, ao amanhecer. Após isso, foi a vez da bateria de mísseis antiaéreos Rapiers e, a partir de então, o restante do efetivo das unidades de artilharia. O propósito foi garantir à Brigada posições defensivas sólidas e protegidas, aptas a enfrentar possíveis contra-ataques por ar ou terra¹³⁰, mas este último não se concretizou de forma eficiente durante o desembarque.

Por fim, o Comando britânico entendeu o desembarque em San Carlos não como um objetivo em si, mas como um ponto de partida para a projeção de forças no interior da ilha¹³¹. A partir do término do desembarque e início da campanha terrestre subsequente, o uso intensivo de artilharia se verificou por ambos os contendores do conflito.

4.6 APOIO AÉREO BRITÂNICO

Sob o enfoque britânico, a Guerra das Malvinas foi marcada pelo uso da arma aérea como elemento de manobra importante, em um TO isolado logisticamente e distante cerca de 8 mil MN do Reino Unido¹³².

A superioridade aérea britânica se consolidaria no desenrolar da guerra, mas não facilmente. Nas semanas iniciais do conflito, os pilotos argentinos atacavam alvos ingleses incessantemente. Para tanto, em muitos voos, foram forçados a adotar perfis de baixa altura como forma de evitar os avançados mísseis superfície-ar (SAM) britânicos. No entanto, tal perfil limitava as manobras e a vantagem da velocidade dos Mirages e Skyhawks. Por outro lado, favorecia os Sea Harriers, que atuavam com eficiência nesse regime de voo, além de estarem equipados com armamentos adequados àquelas missões, como os mísseis AIM-9L Sidewinders¹³³.

Durante a travessia da ForTarAnf, a partir de 1º de maio, muitos ataques aéreos argentinos foram lançados contra os navios. Em uma dessas missões, a FAS enviou

¹³⁰ Thompson, 2000, p. 84.

¹³¹ Mayorga; Errecaborde, 1998, p. 336.

¹³² Thompson, 2000, p. 29.

¹³³ Watson; Dunn, 2021, p. 39.

seis bombardeiros Canberra, escoltados por caças Daggers e Mirages em formação. Os engajamentos mostraram-se infrutíferos, pois a resposta britânica envolveu as eficazes interceptações por aeronaves Sea Harrier, em PAC¹³⁴. As aeronaves britânicas eram orientadas pelos radares do Grupo de Navios-Aeródromos de maneira muito efetiva. Durante esta interceptação, um dos Canberras foi abatido facilmente por míssil AIM-9L Sidewinder e o outro sofreu danos. Nenhum Sea Harrier foi perdido e, ao final daquela jornada, o Almirante “Woodward contabilizou os abates: um Pucará, um Mirage, um Dagger e um Canberra”¹³⁵.

O afundamento do navio mercante Atlantic Conveyor em 28 de maio, após os ataques por Anv Super Étendard no dia 25, representou o golpe logístico mais severo imposto às forças do Reino Unido. A embarcação, além das pistas móveis adaptadas destinadas às operações com Harriers, carregava seis helicópteros Wessex, três Chinooks, dois Lynx, além de tendas para acomodar quatro mil homens. A destruição desses recursos comprometeu seriamente a mobilidade aérea britânica no terreno acidentado das ilhas, bem como o suporte logístico de suas tropas, nos dias seguintes¹³⁶.

O apoio aéreo britânico, centrado na atuação dos Harriers e na mobilidade proporcionada pelos helicópteros, desempenhou papel decisivo tanto na proteção quanto na sustentação de suas forças. Apesar das significativas perdas de meios navais, a superioridade tecnológica dos aviões e seu armamento, o grau de adestramento e a experiência operacional prevaleceram. Assim, os britânicos garantiram a superioridade aérea necessária no teatro das Malvinas.

4.7 CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

As operações britânicas na campanha das Malvinas, durante sua “fase anfíbia”, revelaram a importância da coordenação entre as unidades. Apesar do baixo emprego da artilharia de campanha, a conjugação de fogos navais, apoio aéreo e emprego de tropas foi conduzida de forma exemplar em muitos casos.

¹³⁴ Mayorga; Errecaborde, 1998, p. 241.

¹³⁵ Freeman, 2019, p. 17, tradução nossa. No original: “At the end of the day Woodward counted the kill: one Pucara, one Mirage, one Dagger and one Canberra”.

¹³⁶ Watson; Dunn, 1984, p. 169.

A elevada capacidade de mobilidade, sincronização e eficácia na neutralização de alvos, especialmente durante os desembarques e o posicionamento oportuno, propiciaram a campanha terrestre subsequente. As escolhas estratégicas das forças britânicas, com superioridade em aprestamento e logística, conferiram a vantagem operacional decisiva à FT britânica.

No capítulo seguinte, realizaremos uma análise comparativa entre os modelos empregados por Argentina e Reino Unido, com base na doutrina do Corpo de Fuzileiros Navais do Brasil. A investigação identificará no apoio de fogo e aéreo as rupturas, descontinuidades e assimetrias presentes no conflito em questão.

5 PANORAMA COMPARATIVO DAS ARMAS DE APOIO ARGENTINAS E BRITÂNICAS

A análise comparativa entre as ações das forças argentinas e britânicas, no período de abril a maio de 1982, demonstra abordagens distintas quanto ao emprego das armas de apoio. Dentre outros fatores, as escolhas operacionais resultaram em efeitos determinantes para os rumos do conflito.

Independentemente dos contêdores analisados, verificamos que ambos convergiram com a doutrina do CFN na exigência da integração e sincronização entre as funções de combate. Neste contexto, destacamos a busca pela multiplicação do poder de combate pela conjugação coordenada da manobra e do apoio de fogo.

A estruturação do emprego das armas de apoio permitiu aos britânicos maximizarem o uso de seus recursos. As forças argentinas enfrentaram obstáculos derivados de limitações ao planejamento, deficiências logísticas e falhas de coordenação.

5.1 ASPECTOS COMPARATIVOS SOBRE O APOIO DE FOGO NAVAL

O ApFN, no contexto das OpAnf realizadas nas Malvinas, revelou diferenças entre as ações britânicas e argentinas. Tanto pelo seu uso coordenado e integrado por um dos lados, quanto pela decisão de não uso, na invasão de Port Stanley, e pelo uso restrito, em Grytviken, pelo outro.

Durante a Operação Rosário, o ApFN não foi autorizado pelo mesmo motivo que o emprego da ArtCmp foi restringido pelo poder político. De fato, existiam posições defendidas pela Guarnição de RM em Port Stanley contra as quais a ArtCmp ou o ApFN poderiam incrementar o poder de fogo se utilizados. Por exemplo, o navio ARA Hercules, designado para patrulha de área, estava capacitado a realizar o ApFN, mas os pedidos de engajamento foram recusados. Devido à limitação imposta ao planejamento, podemos afirmar, com esta ressalva, o descumprimento do princípio do ApF do emprego de todos os meios disponíveis. Isso poderia, em um cenário de resistência mais intensa, ter prejudicado a capacidade de saturação de posições defensivas por parte da ForDbq argentina.

Em contrapartida, a única ação argentina de ApFN executada em OpAnf ocorreu na Ilha Geórgia do Sul. A corveta ARA Guerrico abriu fogo com canhões de

100 mm e 40 mm contra posições britânicas, na Estação King Edward. O contra-ataque dos Royal Marines foi imediato. A tropa em terra, empregando armas automáticas e foguetes anticarro, obteve sucesso ao forçar o navio argentino a cessar fogo e manobrar para posição protegida. Identificamos no caso a provável falha do planejador em considerar as “características hidrográficas da ADbq”¹³⁷ e definir adequadamente o posicionamento do navio para o tiro.

Os britânicos, diferentemente, demonstraram considerável capacidade de coordenação e integração entre os fogos navais e as demais armas. Na Operação Paraquet, o HMS Antrim e o HMS Plymouth dispararam seus projéteis, com observação e guiagem realizada por observadores da 148ª Bateria. Desta forma, essas ações representaram aderência à doutrina do CFN no que concerne à segurança das tropas. Além disso, os fogos ajustados evitaram danos à Estação Científica de King Edward.

Em ações posteriores em Pebble Island, a combinação de forças especiais (SAS), observadores navais e o HMS Glamorgan novamente realizou fogos eficazes. O tiro naval, com uso de munições traçantes, fixou a guarnição argentina e impediu qualquer manobra de reação. Esse binômio altamente integrado, em uma operação de aproximadamente uma hora de duração, garantiu a retirada do SAS e a realização segura, dias depois, da principal OpAnf da guerra¹³⁸. No desembarque em San Carlos, o reconhecimento aéreo, medidas eletrônicas e o posicionamento prévio de observadores avançados nas elevações dominantes da ADbq asseguraram a efetividade dos disparos e a integração com a manobra terrestre.

Em síntese, os britânicos demonstraram maior aderência ao conjunto doutrinário do apoio de fogo naval do CFN. Nesse sentido, destacamos a integração entre observadores e navios, o uso oportuno e coordenado dos fogos na busca da máxima eficiência das armas de apoio. Os argentinos, por não terem empregado efetivamente o ApFN, durante os desembarques, mostraram-se vulneráveis à desorganização e à ausência de integração. Tais limitações tornaram suas ações menos seguras e capazes de garantir maior liberdade de manobra à ForDbq.

5.2 ASPECTOS COMPARATIVOS SOBRE O APOIO DA ARTILHARIA DE CAMPANHA

¹³⁷ Brasil, 2023, p. 5-3.

¹³⁸ Mayorga; Errecaborde, 1998, p. 334.

No campo da artilharia de campanha, observamos poucas diferenças entre as duas forças, em termos de concepção doutrinária, planejamento e efetivo emprego no apoio às OpAnf. A ArtCmp não realizou neutralização, destruição ou interdição de alvos em terra em nenhuma das OpAnf, tendo em vista o escopo deste trabalho.

No caso argentino, uma limitação política foi imposta. A operação de reconquista deveria ser, o quanto possível, incruenta em relação às estruturas civis e à população local. Artilharia foi empregada somente após a consolidação territorial de Port Stanley, em uma fase de operações defensivas terrestres. A Bateria A do BACM1 não participou do assalto inicial, mas foi posteriormente desdobrada para apoiar posições defensivas nas elevações que dominavam os eixos de progressão para a capital. Apesar disso, os argentinos incluíram fogos planejados em contingência, como revelado no plano de fogo para o Ponto Zulú, mas foi prejudicado por erros na designação de coordenadas.

A ausência de apoio de fogo argentino em pontos-chave do terreno evidenciou a importância da artilharia no campo de batalha. Ao analisar o ataque a Pebble Island, a decisão de não posicionar e empregar as peças de artilharia no entorno da pista contribuiu para o êxito britânico. A falta de alarme aéreo antecipado, sistema de vigilância e ArtCmp expôs as defesas argentinas a incursões precisas e coordenadas pelos ingleses, nas OpAnf¹³⁹.

Por sua vez, o Reino Unido cumpriu o preconizado na doutrina da MB quanto à principal limitação ao emprego da ArtCmp. O desembarque foi efetivado levando em consideração a necessidade precípua de conquista “da cabeça-de-praia que proporcione espaço e segurança para seu emprego”¹⁴⁰. Assim, os britânicos, realizaram a inserção, inicialmente, do 29º Regimento de Artilharia do Comando da RN, após a consolidação das posições elevadas. As baterias de canhões leves de 105 mm foram helitransportadas, seguidas por lançadores Rapier e o restante dos efetivos de artilharia. Garantiram desta maneira “boas posições defensivas, protegidas por acidentes naturais, aptas a enfrentar possíveis contra-ataques argentinos, por ar ou terra” à Brigada¹⁴¹.

¹³⁹ Mayorga; Errecaborde, 1998, p. 336.

¹⁴⁰ Brasil, 2020d, p. 1-4.

¹⁴¹ Thompson, 2000, p. 84, tradução nossa. No original: “[...]en buenas posiciones defensivas protegida por los accidentes naturales y lista para hacer frente a los ataques argentinos desde el aire, por tierra[...]”.

Comparando os dois modelos evidenciamos que ambas as forças atentaram para a mesma limitação doutrinária para o uso da ArtCmp nos momentos iniciais do assalto. Portanto, buscaram mitigá-la com mobilidade aérea, após estabelecida minimamente a CP pretendida.

5.3 ASPECTOS COMPARATIVOS SOBRE O APOIO AÉREO

Nas OpAnf realizadas nas Ilhas Geórgias do Sul e em Ilha Pebble, não ocorreu atrição aérea relevante em busca da superioridade aérea local que impedisse o desenrolar das ações. Nessas operações, as forças atacantes empregaram de forma integrada e sincronizada os helicópteros para movimentar tropas e realizar reconhecimento aéreo. Foi observada relativa liberdade de ação por esses meios, com exceção do helicóptero Puma abatido pelos britânicos.

No âmbito da Operação Black Buck (bombardeamentos estratégicos a partir de Ilha Ascensão), os bombardeios britânicos realizados pelos Vulcans tiveram impacto limitado sobre os alvos pretendidos. Contudo, foram bastante simbólicos para as forças argentinas em virtude da ampla capacidade logística e operativa de esforço aéreo demonstrado, com múltiplos REVO realizados no traslado entre Ilhas: Ascensão – Malvinas – Ascensão¹⁴². O moral das tropas argentinas foi seriamente abalado ao perceber essa determinação inglesa, considerando que nesse momento da guerra, a solução diplomática ainda era uma opção.

Já no AssAnf de San Carlos, ocorreram as importantes batalhas aéreas pelo controle do ar, que estabeleceram os rumos da guerra, principalmente nos cinco primeiros dias após o desembarque. Para os britânicos, esse esforço envolveu, em grande medida, o emprego dos caças Harriers, com exemplar manejo da mobilidade e alcance em prol do eficiente ApAeOf. Participaram, também, navios de escolta com seus sistemas de mísseis antiaéreos e os sistemas de defesa antiaérea terrestres (Rapier, Blowpipe e metralhadoras GPMG). Com elevado custo humano e material, que incluiu o afundamento de três navios e a morte de 77 marinheiros, a ameaça aérea argentina foi neutralizada em grande parte. Assim, após 25 de maio, não mais representava obstáculo significativo às operações terrestres subsequentes¹⁴³.

¹⁴² Mayorga; Errecaborde, 1998, p. 239.

¹⁴³ Thompson, 2000, p. 119.

A habilidade de manobra do Almirante Woodward garantiu a manutenção da integridade do Grupo de Combate de NAe. A proteção desse grupo conferiu uma vantagem fundamental para a preservação do ApAe britânico¹⁴⁴. Pelo lado argentino, a ausência do ARA Veinticinco de Mayo (único NAe em combate) obrigou que grande parte das missões de ApAeOf fossem lançadas a partir de bases aéreas no continente¹⁴⁵.

Neste sentido, a estratégia aérea argentina consistia, sobretudo, em destruir alvos navais britânicos. Assim, buscava inviabilizar os desembarques ou elevar o custo da operação a ponto de forçar uma retirada britânica. A neutralização de tropas após o desembarque era considerada desejável, mas inviável em virtude do limitado tempo na área de operações das aeronaves argentinas, que operavam a partir do continente.

Segundo o Almirante Otero, a FAA atuava de modo independente e desconectado do preconizado pelo Comando do Teatro do Atlântico Sul. As Anv não possuíam capacidade de REVO, como os Skyhawks da ARA. Portanto, ao tentar definir alvos e controlar ataques, com tão pouco tempo *on station* e a centenas de milhas de distância, sua efetividade operacional ficou naturalmente comprometida¹⁴⁶. A doutrina argentina de emprego aéreo demonstrou falhas estruturais, principalmente no tocante à interoperabilidade entre forças.

Observamos uma clara vantagem britânica nos resultados do conflito, apesar da louvável coragem e habilidade dos pilotos argentinos. Essa superioridade aérea deveu-se à letal combinação dos Harriers (nas versões naval Sea Harrier FRS1 e da RAF Harrier GR3) com os mísseis AIM-9L Sidewinder. Essas armas, com ogivas guiadas por infravermelho, eram capazes de engajar alvos a partir de todos os ângulos com alta precisão, enquanto os mísseis argentinos exigiam disparos pela retaguarda. Como resultado, os britânicos abateram 17 caças, contra nenhum avião perdido em combate ar-ar¹⁴⁷.

Em 20 de maio, uma equipe SAS localizou um campo de pouso em Mont Kent, com parte da força de helicópteros argentina. Com a destruição desses helicópteros, sendo eles um Chinook, um Puma e um Bell UH-1H, por Anv Sea Harriers, a

¹⁴⁴ Thompson, 2000, p. 121.

¹⁴⁵ Freeman, 2019, p. 37.

¹⁴⁶ Mayorga; Errecaborde, 1998, p. 308.

¹⁴⁷ Mayorga; Errecaborde, 1998, p. 305.

mobilidade tática das forças argentinas foi impactada sobremaneira. Essas aeronaves representavam as melhores opções com capacidade para o transporte de tropas¹⁴⁸. A destruição desses meios comprometeu a possibilidade de um eventual contra-ataque aeromóvel argentino, em posições favoráveis. Com isso, o General Menéndez foi forçado a enfrentar tropas já desdobradas no terreno após o desembarque em San Carlos.

A contrapartida que apresentou um resultado muito semelhante para o outro lado teve início na noite do dia 25 de maio. Naquela noite, duas aeronaves Super Étendard procederam a ataques aéreos muito bem-sucedidos com dois mísseis AM39 Exocet atingindo o navio mercante britânico Atlantic Conveyor. Afortunadamente, o poder aéreo britânico não sofreu um efeito ainda mais devastador, uma vez que oito Sea Harriers e seis Harriers da RAF já haviam sido movimentados previamente¹⁴⁹. Apesar disso, esse afundamento representou um dos golpes mais severos para o Reino Unido no conflito. A perda dos helicópteros Wessex, Chinooks e Lynx embarcados no navio comprometeu seriamente o suporte logístico, a mobilidade tática e a capacidade ofensiva britânica no terreno.

As ações britânicas demonstraram maior integração e coordenação do apoio aéreo nas Operações Anfíbias. Já a atuação argentina, embora valorosa sob diversos aspectos, mostrou-se descentralizada, limitada pela distância geográfica e desprovida de sinergia com sua manobra. Essa dinâmica observada contribuiu, certamente, para o resultado do conflito.

¹⁴⁸ Miller, 2023.

¹⁴⁹ Freeman, 2019, p. 29.

6 CONCLUSÃO

A presente dissertação objetivou comparar o emprego das armas de apoio nas OpAnf conduzidas por Argentina e Reino Unido na Guerra das Malvinas. Essa avaliação se deu sob a ótica da doutrina do CFN do Brasil, quanto aos ApAe, ApFN e de ArtCmp. Assim, traçamos paralelos que nortearam a pesquisa, conforme a estrutura abaixo.

A partir do referencial doutrinário utilizado (constante no Capítulo 2) e da descrição factual das ações (nos Capítulos 3 e 4), foi possível tornar evidente as similaridades e singularidades das forças envolvidas na contenda. De tal estudo, apreciamos criticamente e consolidamos as observações no Capítulo 5.

Sobre o ApFN, o Reino Unido coordenou eficazmente suas funções de combate. A integração dos observadores navais às tropas em terra e à frota contribuiu para a condução dos fogos com precisão e segurança a suas forças. O emprego da arma, em Grytviken, Pebble Island e San Carlos, revelou a capacidade de prover tiros eficientes. Através do ajuste em tempo real e uso de munições adequadas, propiciou a oportuna saturação de posições inimigas e contribuiu para a manobra da ForDbq.

Em contraste, as forças argentinas previram o uso do ApFN, mas não o empregaram em Port Stanley. Já em Grytviken, o utilizaram até certo momento, em apoio à edificação do poder em terra. Sua execução foi planejada para uso em situações limitadas, em integração parcial com os combatentes anfíbios.

No tocante à ArtCmp, ambos os contendores atentaram para a limitação doutrinária quanto à dificuldade do emprego da arma nos momentos iniciais do assalto. Contudo, o Reino Unido mitigou tal restrição ao helitransportar peças do 29º Regimento de Artilharia logo após consolidar a CP em San Carlos, assegurando o ApF em profundidade.

A Argentina, por sua vez, posicionou suas peças apenas em momento posterior à conquista de Port Stanley, empregando-as no contexto defensivo. Em ambas as manobras subsequentes terrestres, ofensiva britânica e defensiva argentina, o emprego foi massivo, mas essas ações não foram escopo desta pesquisa.

No ApAe aos desembarques, as diferenças não se deram pelas questões 'uso' ou 'não uso', mas sim pela forma. Os britânicos estruturaram seu poder aéreo com ênfase na interoperabilidade, mobilidade, sincronização e coordenação com os demais elementos de combate. Esses aspectos foram garantidos pelo posicionamento

e controle dos grupos de navios aeródromos e a adequada escolha dos caças e dos helicópteros nas missões de reconhecimento e proteção da ForTarAnf.

Apesar de dispor de excelentes pilotos e uma variada gama de aeronaves, a Argentina enfrentou severas limitações operacionais, que incluíam a escolha das bombas para alvos terrestres, a capacidade dos mísseis, a ausência de seu NAe e o distanciamento das bases aéreas. Assim, diversos fatores, além de infortúnios, reduziram sua efetividade no apoio às ações terrestres.

Desta maneira, os cortes episódicos analisados nos permitiram inferir que, embora as forças argentinas tenham sido bem-sucedidas em seus assaltos no início do conflito, foram os britânicos que obtiveram superioridade operacional no teatro insular. Isso se deu muito por aplicarem com maior rigor os fundamentos doutrinários correlatos ao ApF. A capacidade de manter a iniciativa, proteger sua força, apoiar a manobra e desorganizar o dispositivo inimigo foram ampliadas pelo uso sinérgico do ApFN, da ArtCmp e do ApAe.

A análise dos três tipos de apoio sob o mesmo conjunto revelou que a superioridade britânica, nos momentos do conflito estudados, decorreu da aplicação consistente dos princípios da coordenação de apoio de fogo aderentes à doutrina do CFN. Em contrapartida, a performance argentina, embora tenha contado com estratégias bem estabelecidas que culminaram em muitas vitórias táticas, foi comprometida sob o ponto de vista operacional. As falhas, permeadas por erros de coordenação, conflitos doutrinários, limitações logísticas e inferioridade no aprestamento, levaram ao emprego desarticulado de suas armas de apoio, que contribuíram para a sua derrota, em 14 de junho de 1982.

A Guerra das Malvinas nos mostrou que o êxito de uma OpAnf depende não apenas da superioridade numérica ou do ímpeto, mas sobretudo da capacidade de integrar eficazmente, no nível tático, os vetores disponíveis. Nesse sentido, a doutrina do CFN se mostra atual e relevante, ao prescrever essa forma de emprego das armas de apoio como condição essencial para a projeção do poder naval sobre terra.

As lições extraídas das Malvinas oferecem importante substrato à reflexão sobre o preparo e o emprego de forças navais brasileiras em cenários semelhantes ou não, no futuro. Portanto, a dissertação alcançou seus objetivos ao demonstrar como a doutrina do CFN pode ser utilizada como referência metodológica para a análise crítica de operações reais. Por conta disso, evidenciamos a necessidade da busca constante pela atualização de seus fundamentos pela Marinha do Brasil.

REFERÊNCIAS

ARGENTINA. Fuerza Aérea Argentina. **La Fuerza Aérea en Malvinas – Tomo I: antecedentes, organización y despliegue**. Buenos Aires: Dirección de Asuntos Históricos, 2012.

ARMADA ARGENTINA. **Agrupación Buzos Tácticos**. Buenos Aires: Ministerio de Defensa, [s.d.]. Disponível em: <https://www.argentina.gob.ar/armada/fuerza-de-submarinos/unidades/agrupacion-buzos-tacticos>. Acesso em: 14 jun. 2025.

BIJL, Nick van der; HANNON, Paul. **Argentine Forces in the Falklands**. Oxford: Osprey Publishing, 1992.

BRASIL. Comando-Geral do Corpo de Fuzileiros Navais. **CGCFN-0-1**. Manual Básico dos Grupamentos Operativos de Fuzileiros Navais. 1. ed. Rio de Janeiro: Marinha do Brasil, 2020a.

BRASIL. Comando-Geral do Corpo de Fuzileiros Navais. **CGCFN-1-1**. Manual de Operações da Força de Fuzileiros da Esquadra. 1. ed. Rio de Janeiro: Marinha do Brasil, 2021.

BRASIL. Comando-Geral do Corpo de Fuzileiros Navais. **CGCFN-34.1**. Manual de Apoio Aéreo de Fuzileiros Navais. Rio de Janeiro: Marinha do Brasil, 2020b.

BRASIL. Comando-Geral do Corpo de Fuzileiros Navais. **CGCFN-50**. Manual de Apoio de Fogo de Fuzileiros Navais. Rio de Janeiro: Marinha do Brasil, 2023.

BRASIL. Comando-Geral do Corpo de Fuzileiros Navais. **CGCFN-50.1**. Manual de Coordenação de Apoio de Fogo de Fuzileiros Navais. Rio de Janeiro: Marinha do Brasil, 2020c.

BRASIL. Marinha do Brasil. Comando-Geral do Corpo de Fuzileiros Navais. **CGCFN-50.2**. Manual de Artilharia de Campanha de Fuzileiros Navais. Rio de Janeiro: Marinha do Brasil, 2020d.

BRASIL. Marinha do Brasil. Estado-Maior da Armada. **EMA 305**: Doutrina Militar Naval. Brasília, DF: Estado-Maior da Armada, 2017.

BRASIL. Ministério da Defesa. **MD35-G-01**: Glossário das Forças Armadas. Brasília, DF: Ministério da Defesa, 2015.

BRITISH ARMY. **General Purpose Machine Gun (GPMG)**. London: Ministry of Defence, [s.d.]. Disponível em: <https://www.army.mod.uk/learn-and-explore/equipment/small-arms-and-support-weapons/general-purpose-machine-gun/>. Acesso em: 15 jun. 2025.

CAT-UXO. **68mm Type 26P Rocket**. [S.l.]: CAT-UXO, [s.d.]. Online. Disponível em: <https://cat-uxo.com/explosive-hazards/rockets/68mm-type-26p-rocket>. Acesso em: 04 ago. 2025.

DEPARTAMENTO DE ESTUDIOS HISTÓRICOS NAVALES. **Historia de la Aviación Naval Argentina** – Conflicto del Atlántico Sur: Tomo A. Buenos Aires: Armada Argentina, 1992.

DUARTE, Paulo de Queiroz. **Conflito das Malvinas**. Vol. 1. 1. ed. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1986.

ENCYCLOPÆDIA BRITANNICA. **MAG machine gun**. [S.l.]: Encyclopædia Britannica, [s.d.]. Disponível em: <https://www.britannica.com/technology/MAG-machine-gun>. Acesso em: 02 ago. 2025.

FIFTH ROYAL AUSTRALIAN REGIMENT ASSOCIATION. **M72 LAW**. [S.l.]: [s.n.], [s.d.]. Disponível em: <https://5rar.asn.au/m72/>. Acesso em: 2 ago. 2025.

FREEMAN, Richard. **A close run thing**: the Navy and the Falklands War. [S.l.]: Lume Books, 2019. eBook Kindle.

LOMBARDO, Alfredo. **Malvinas**: errores, anécdotas y reflexiones. Buenos Aires: Ediciones IPP, 2005.

MAYORGA, H; ERRECABORDE, J. A. **No vencidos**. Buenos Aires: Planeta, 1998.

MILLER, Matthew. **Special Operations in the 21st Century**: Revisiting the Falklands War. [S.l.]: Interpopulum, 15 out. 2023. Disponível em: <https://interpopulum.org/special-operations-in-the-21st-century-revisiting-the-falklands-war/>. Acesso em: 5 jun. 2025.

SOUZA, César Augusto Nicodemus de. **A guerra que foi possível pelas Falklands/Malvinas**. 1. ed. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2013.

THOMPSON, Julian. **No Picnic**. London: Cassell, 2000.

WATSON, Bruce W.; DUNN, Peter M. (Eds.). **Military Lessons of the Falkland Islands War**: Views from the United States. 1. ed. Abingdon: Routledge, 2021.